

• Entrevistas

• Documentos

• Ideias

• Depoimentos

• Informações

# RACISMO INTOLERÂNCIAS XENOFORBIA

ANO 3 Nº 3

# Maná Maná

REVISTA DO UNIFEM - FUNDO DE DESENVOLVIMENTO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A MULHER

E7347  
A-180

VOCE ENCONTRA NA PAGINA DO UNIFEM

TODAS AS MARIAS, MARIAS



**NOS**

**TU ELA/ELE**

**EU**



VÓS ELAS/ELES

# A hora é esta

Quando escrevi minha tese sobre o movimento sufragista no Brasil, de 1973 a 1976, associei sexismo e racismo porque sexo e raça, ao contrário de classe social, são marcas indelévels. Dizia: "a discriminação de sexo, assim como a de raça,

acompanham o indivíduo como uma sombra, onde quer que esteja". Conscientemente, dialogava com a esquerda.

O objetivo das feministas de esquerda, naquela década, era legitimizar a luta contra a discriminação. Insistíamos que não se poderia esperar pela revolução de classe para só então tratar das questões de discriminação da mulher e de raça.

Acompanhávamos, em nossa análise e questionamento, as feministas francesas e italianas, que, ligadas aos respectivos partidos comunistas, forçaram a discussão do tema e, em alguns casos, formaram grupos à parte.

Felizmente, esses dois temas já estão legitimados. Tanto o movimento social quanto os governos os têm como questões políticas relevantes. As décadas de luta deram-lhes esse status e as conferências da ONU formalizaram sua internacionalização.

Voltamos sempre ao problema da distância entre o que se diz e o que se faz, o que me parece um jogo de vai-e-vem em que muito se empurra, algo se caminha e, de repente, se volta atrás e se recomeça. Difícil, quando se está lutando, é ter a chamada "perspectiva histórica" no espaço de uma vida. Sabemos que a luta anti-sexista avançou. Basta voltar à década de setenta — sem ir ainda mais longe, quando sequer podíamos votar — para reconhecer o avanço.

É inegável, no entanto, que a luta anti-sexista avançou mais do que a anti-racista. Os estudos feitos para a III Conferência Mundial, realizada recentemente na África do Sul, mostram o que sabemos sobre o assunto, que apenas começa a ser discutido na sociedade brasileira.

Enquanto escrevo, vou revendo episódios da minha infância que são uma crônica de nossas raízes. Estudei num colégio de freiras francesas, cujo prédio era um casarão de colunatas, porta alta de grades enclimada pela estátua da

Virgem e as iniciais em cobre entrelaçadas: NDS (Notre Dame de Sion). Ao lado, em uma construção feiosa e discreta, ficava o orfanato do colégio. Suas ocupantes eram as "martinhas", dentre as quais não havia nenhuma loura de olhos azuis. Elas nos serviam o almoço, vestidas com um uniforme de algodão xadrez. O nosso era uma sala de

la azul-marinho, blusa de fustão branca, sapatos de verniz preto, meias

três-quartos, chapéu panamá com fita de gorgorão. As freiras francesas e as brasileiras brancas, chamávamos "mères" (mães). As não brancas eram as "soeurs" (irmãs) e não tinham contato conosco. Trabalhavam na cozinha e na faxina.

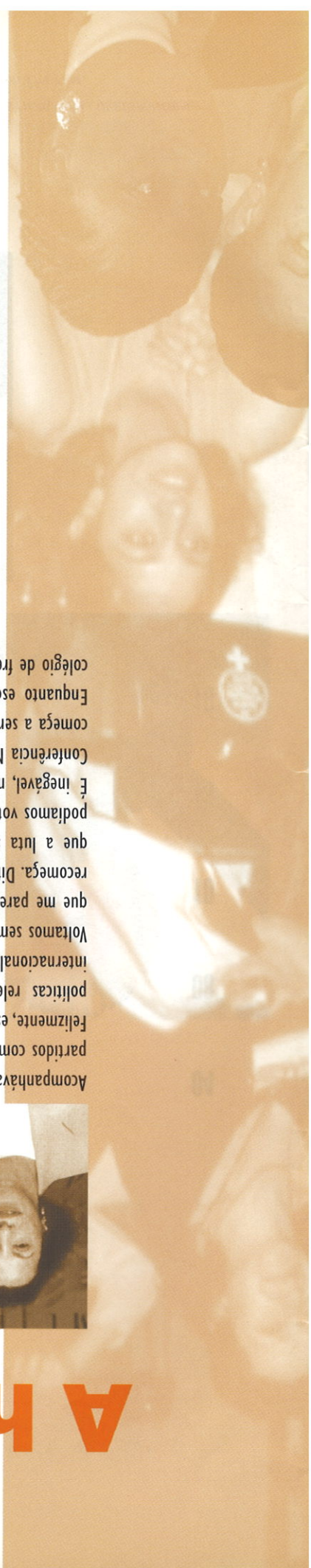
Cresci aprendendo que isso era natural. Sabia também que era natural que meninas não tivessem de seguir carreira.

Deviam ser educadas para apoiar a carreira do marido, sabendo receber bem em casa. Não era preciso cozinhar, bastava "saber mandar".

Esse é o Brasil de onde vim e essas as marcas que ainda estão por ser apagadas de nossa herança mais funda.

**Maria, Maria**, quer dar sua contribuição para que o Brasil olhe-se no espelho, discuta, reflita e tome definitivamente o rumo da eliminação do racismo e da intolerância, que tanto nos custa assumir.

**Branca Moreira Alves**





MARIA, MARIA

revista do

Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas

para a Mulher (Unifem)

Coordenadora regional do Unifem para o

Brasil e o Cone Sul:

Branca Moreira Alves

[branca@undp.org.br](mailto:branca@undp.org.br)

Coordenação Editorial

Júnia Fuglia

[junia@undp.org.br](mailto:junia@undp.org.br)

Edição e Redação

Fernanda Pompeu

[fpompeu@uol.com.br](mailto:fpompeu@uol.com.br)

Revisão

Cecilia Marks

[ceciliamarks@uol.com.br](mailto:ceciliamarks@uol.com.br)

Fotografia

Nair Benedito

[nimages@uol.com.br](mailto:nimages@uol.com.br)

Diagramação e Editoria de Arte

Angela Mattos

[angela@am3artes.com.br](mailto:angela@am3artes.com.br)

ano 3, nº 3

segundo semestre de 2001

Brasil

Correspondência para:

Unifem

SCN Quadra 02 Bloco A

Módulo 602 - Ed. Corporate

70712-900 - Brasília, DF

[unifemconesul@undp.org.br](mailto:unifemconesul@undp.org.br)  
[www.undp.org.br/unifem](http://www.undp.org.br/unifem)

# S U M Á R I O

## A hora é esta

testemunho de Branca Moreira Alves

04

## Dando nome aos bois

glossário

08

## histórias intolerantes

cinco histórias de intolerâncias

10

## Flagrante Delito

um julgamento exemplar

13

## Os Desastres do Racismo

depoimentos de Magali Celso e Celine Crispin;  
 mediação de Maria Lúcia da Silva

16



AS OPINIÕES DAS AUTORAS DOS ARTIGOS NÃO CORRESPONDEM,  
 NECESSARIAMENTE, ÀS OPINIÕES DO UNIFEM.



notícias da III Conferência Mundial contra o Racismo

**Durban, 2001** 54

por Luíza Barros

**O que a imprensa não quis ver** 52



entrevista com Edna Roland

**Pavio curto**

48



43



documento de reivindicações

**Todo dia é dia de índia**

por Cecília Lipszyc

**Xenofobia contra las mujeres (español / português)** 38

por María José Moreno Ruiz

**Masculinidades e Xenofobia (português / español)** 29



entrevista com Bel Santos

**Podemos ser melhores do que somos**

26

penas de 1 a 4 anos, sem direito à fiança, para crimes raciais

25

**De lei**



entrevista com Sonia Nascimento

**Esta chegando a hora** 22

**Dois histórias de racismo à brasileira** 24

caiu a ficha & aula de literatura

# 2008 Homens e Boys

**O pequeno glossário que apresentamos a seguir não é exaustivo e nem tem a pretensão de alcançar o rigor científico.**

**Nossa intenção é tornar comuns conceitos que irão aparecer no conjunto da *Maria, Maria*.**

**Acreditamos que, ao "darmos nome aos boys",**

**proporcionaremos uma travessia mais proveitosa e rica da leitora e do leitor pelo tema da revista.**

## FEMINISMO

Movimento político, social e cultural que prega oportunidades e direitos iguais para mulheres e homens. Também luta por direitos específicos do gênero feminino. Ao contrário do machismo, o feminismo batalha pela equidade e nunca pela sobreposição de um gênero em relação a outro. Como um movimento dinâmico, ele tem avançado em suas teorias e práticas, chegando à interessante síntese "*mulheres e homens: diferentes, mas não desiguais*". Muitos historiadores e historiadoras consideram o feminismo como uma das grandes revoluções do século XX.

## GÊNERO

Melhor dizer "relações de gênero", uma vez que feminino e masculino estão sempre associados. Os gêneros feminino e masculino não resultam das diferenças físicas/biológicas de mulheres e homens. As diferenças de gênero foram historicamente construídas pelo patriarcalismo, pela

## ETNIA

Conjunto de pessoas que se identificam por alguns traços comuns de cultura, entre eles a língua, a religião, o folclore, a origem. Por exemplo, os judeus não são uma raça, eles constituem uma etnia de base religiosa. Também podemos dizer que o Brasil é formado por diversos grupos étnicos.

## ETNOCENTRISMO

Mentalidade que considera sua própria etnia e seus valores culturais superiores aos demais, portanto é uma tendência de julgar os estrangeiros e diferentes usando como parâmetro seu próprio grupo étnico. Por exemplo, na época da Conquista, os europeus utilizaram seus próprios padrões culturais para depreciar os padrões das etnias não europeias. O etnocentrismo é um prato cheio para a formação de preconceitos.

## CHAUVINISMO

Nacionalismo exagerado. Patriotada que, em última instância, leva a desprezar outras nacionalidades. Durante a ditadura militar brasileira, houve um forte apelo chauvinista, traduzido, por exemplo, na famosa frase "*Brasil, ame-o ou deixe-o*".

## DISCRIMINAÇÃO

Prática que consiste em negar iguais oportunidades e/ou direitos a um grupo social, racial, sexual, religioso etc. A discriminação pode assumir formas sutis (não declaradas). Por exemplo, o critério, que vigorou por muito tempo no Brasil, de "boa aparência" para ingressar em um emprego. "Boa aparência" nada mais era do que não ser negro/negra. As causas da discriminação são complexas, mas sem dúvida o preconceito é uma de suas bases e sua justificativa mais flagrante. As consequências da discriminação são nefastas, não somente para as pessoas e os grupos discriminados, mas também para toda a sociedade.



trunço política-ideológica que atende a interesses de dominação dados e específicos.

## RACISMO

Ideologia e prática que utiliza critérios de raça para discriminar, segregar, humilhar e oprimir. O racismo hierarquiza diferenças raciais e étnicas, baseando-se na crença da existência de uma raça superior. No caso do Brasil, a raça supostamente superior seria a branca de ascendência europeia. Por fim, é importante dizer que o racismo não é inato, ele é aprendido.

## SEGREGACIONISMO

Ideologia e prática que prega a segregação (separação) e portanto a discriminação das chamadas "minorias" raciais e/ou religiosas dentro de uma sociedade. Os exemplos mais flagrantes de segregacionismo racial ocorreram nos Estados Unidos até a década de 1960, e na África do Sul, no regime do apartheid, no qual a minoria branca detinha oficialmente todos os privilégios.

## XENOFOBIA

Essa palavra de origem grega significa exatamente "medo do estrangeiro". Em situações históricas tensas, esse medo pode se transformar em ódio. Exemplos atuais vêm da França e da Áustria, com o pânico desses países frente à "invasão" de trabalhadores estrangeiros. A manifestação xenofóbica tem como suportes: a intolerância, a desconfiança, o desprezo e a hostilidade, além de se alimentar do chauvinismo, do etnocentrismo e do preconceito. É extremamente limitante, uma vez que não permite ou interrompe as trocas entre etnias e culturas.



## MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO

Formado por pessoas e grupos que lutam contra o racismo. Suas frentes de batalha são a sensibilização contra os preconceitos e iniciativas energicas contra a discriminação. Também lutam pela criação de políticas públicas que, por meio de ações afirmativas e abertura de oportunidades para a população negra, diminuam a gritante desigualdade entre negros e brancos no Brasil. As organizações de mulheres negras têm papel de destaque dentro desse movimento.



## PRECONCEITO

Tal como a palavra expressa, trata-se de um conceito pré-estabelecido sem uma lúcida apreensão ou contextualização dos fatos. Sempre de caráter depreciativo, o preconceito leva a estereotipar pessoas ou grupos e a cristalizar crenças e clichês. Outra característica do preconceito é a generalização errônea: "os índios são preguiçosos por natureza" etc. Preconceito e discriminação reforçam-se mutuamente, sendo que o preconceito cria uma base ideológica para a discriminação.

## RAÇA

Grupo natural de humanos que possuem caracteres físicos semelhantes, por exemplo, a cor da pele, o desenho dos olhos, o formato do nariz etc. Não existe hierarquia entre as raças, a imposta superioridade de uma sobre outra é uma cons-

divisão sexual / reprodutiva, pela diversidade do trabalho etc. Até hoje essas relações primam pela desigualdade, cabendo ao gênero masculino uma série de privilégios sociais e econômicos sobre o feminino.

## HOMOFOBIA

Como a própria palavra diz, trata-se da fobia ou medo de homossexuais. Quando praticada, a homofobia - calçada em um conjunto de estereótipos e preconceitos - leva à perseguição e discriminação de gêneros. A homofobia também é uma manifestação de intolerância frente a um tipo de comportamento sexual considerado diferente.

## INTOLERÂNCIA

Repúdio, por parte de pessoas ou de um grupo, da especificidade e diferença de outros. Consiste na negação do direito à diferença de comportamentos sociais, opções sexuais, escolhas religiosas etc. Comparada ao racismo, a intolerância é mais difusa e subjetiva nas suas explicações. Outra característica da intolerância é unir raças e grupos étnicos distintos contra um bode expiatório comum.

## MACHISMO

Ideologia e prática que considera o sexo masculino superior ao feminino. Manifesta-se explicitamente no desejo de poder dos homens sobre as mulheres. Sua base histórica é o patriarado, que põe o macho no centro das decisões históricas, políticas, sociais. A exemplo da intolerância, o machismo une raças e etnias contra o gênero feminino.



# histórias intolerantes

**Maria, Maria ouviu cinco relatos acerca da intolerância, ou das chamadas "discriminações sutis". Todas elas revelam um sentimento de ódio para quem é, ou está, diferente. Observem.**

## O CAROTO DIFERENTE E O MAR

João não foi fruto do acaso e nem foi encomendado para salvar uma relação amorosa. Ele foi desajado e planejado pela Maria e por mim.

Nasceu lindo. Perfeito. Pronto para ser amado. Um ótimo menino, o nosso João. E tudo foi bem até ele completar 14 meses. Em um 31 de dezembro, quando celebrávamos, João teve uma convulsão. Foi apenas a primeira de muitas outras, mais longas e duras.

Maria e eu procuramos especialistas, superdoutores. Peregriamos com o João por hospitais, clínicas, institutos de pesquisa. Depois partimos para as médicas nas oriental, afro, indígena. O diagnóstico até hoje é genético: paralisia cerebral. Meu filho não anda, não fala e faz movimentos desconexos. Mas não pensem que ele está morto. Ele diz muitas coisas com seus grandes olhos e com seu enorme sorriso abraça as pessoas.

Então teve um feriado de semana santa. Maria e eu resolvemos esticar uns dias na casa de verão de uns amigos. Ficamos felizes com a ideia de mostrar o mar para o João. Ele estava com cinco anos.

Logo que chegamos, eu peguei meu filho no colo e fui para a praia. Ao ver o mar, o sorriso dele se abriu querendo abraçar aquela água toda. Coloquei na areia e ele começou a fazer seus movimentos desconexos e felizes. Um senhor, de uns cinquenta anos, se aproximou de nós e lançou o dardo:

— Olha, eu também tenho uma coisa assim. Só que eu não fico exibindo essa monstruosidade. Eu deixo ela trancada lá em casa.

(Rodrigo, arquiteto, 38 anos)

## ELA NÃO CONSEGUIA IMAGINAR

Tenho umas 500 histórias de

intolerâncias que eu sofri. Quer

dizer, sou um prato cheio para a

fome dos intolerantes e das into-

lerantes. Vou contar uma delas.

Faz uns seis meses, eu precisei

tirar um nódulo do seio. Eu esta-

va bem apavorada. No dia da ci-

urgia, eu cheguei na clínica par-

ticular do meu plano de saúde.

Eu fui acompanhada por uma

amiga, a Angela, que é branca

como uma sueca.

Depois da burocracia de entra-

da, subimos direto para o quar-

to. A cirurgia aconteceria nessa

mesma manhã. Daí, nós duas es-

távamos no quarto quando entrou

uma enfermeira trazendo a vesti-

menta asséptica – roupa, touca

e aquelas meias ridículas – e um

sorriso protocolar.

Bastou um segundo para eu

descobrir que a enfermeira esta-

va sorrindo para a minha amiga

e não para mim. Então, ela esten-

deu a vestimenta para a Angela.

Quer dizer, não passou pela

cabega dela perguntar quem era

a paciente e quem era a acompa-

nhante. Na fantasia dela, uma

mulher negra esta sempre servin-

do a uma mulher branca. E o mais

desconcertante é que essa enfer-

meira era negra.

(Iris, bancária, 47 anos)

## A MENINA QUE MACHUCOU O JOELHO

A verdade é que passei minha

infância de menina querendo ser

um menino. Eu invejava meu ir-

mão mais velho: suas roupas, suas

botas, sua liberdade de ir e vir.

Toda a minha infância foi baten-

do boca com a minha mãe. Ela

queria que eu usasse saia, vesti-

do, lacinho no cabelo, sandálinha

de plástico. E eu fincando o pé

para me vestir como um menino.

La pelos meus 13 anos, minha

mãe desistiu. Fiquei feliz. Passei

a herdar as roupas do meu irmão:

short, calças compridas, cintos,

camisas masculinas. Acho que

quem me olhava ficava sempre

em dúvida: *ela ou ele? ele ou ela?*

Eu dava de ombros, não estava

nem aí.

Um dia, eu estava indo para a

escola, fiz sinal para um ônibus.

Eu entrei, paguei, sentei. Tudo

normal. O problema aconteceu na

hora que eu dei sinal para o mo-

torista parar. Ele não parou.

O problema aconteceu na

hora que eu dei sinal para o mo-

torista parar. Ele não parou.

O problema aconteceu na

hora que eu dei sinal para o mo-

torista parar. Ele não parou.

O problema aconteceu na

hora que eu dei sinal para o mo-

torista parar. Ele não parou.

O problema aconteceu na

hora que eu dei sinal para o mo-

torista parar. Ele não parou.

O problema aconteceu na

hora que eu dei sinal para o mo-

torista parar. Ele não parou.

O problema aconteceu na

hora que eu dei sinal para o mo-

torista parar. Ele não parou.

O problema aconteceu na

hora que eu dei sinal para o mo-

torista parar. Ele não parou.

O problema aconteceu na

hora que eu dei sinal para o mo-

torista parar. Ele não parou.

O problema aconteceu na

hora que eu dei sinal para o mo-

torista parar. Ele não parou.

O problema aconteceu na

hora que eu dei sinal para o mo-

torista parar. Ele não parou.

O problema aconteceu na

hora que eu dei sinal para o mo-

torista parar. Ele não parou.

O problema aconteceu na

hora que eu dei sinal para o mo-

torista parar. Ele não parou.

O problema aconteceu na

hora que eu dei sinal para o mo-

torista parar. Ele não parou.

O problema aconteceu na

hora que eu dei sinal para o mo-

torista parar. Ele não parou.

— Vai se danar, sua bicha!

Ohna que ironia! O infeliz pen-

sou que eu era um menino que-

rendo ser uma menina.

Uma senhora que estava pas-

sando me levantou e perguntou

se estava tudo bem. Fisicamente

estava tudo ok, meu joelho só ra-

lou. Mas dentro da minha alma

ficou um machucado, uma ferida

(Mariângela, balconista de loja de  
eletrodoméstico, 28 anos)





em suas fileiras, afinal ninguém por aqui é 100% branquinho ou sulista. O ódio é canalizado principalmente contra homossexuais e outras tribos. Jorge Soler, um dos *Carecas do ABC*, declarou: "Quando eu via um *homossexual no meio da rua evita-va olhar e morria de nojo dos punks*".

A xenofobia (ódio ao estrangeiro) também tem suas particularidades. Os ricos e brancos, como alemães, norte-americanos e franceses, são poupados. Enquanto imigrantes bolivianos, paraguaios, coreanos são alvos de animosidade. Os judeus, seguindo a matriz ideológica dos *skinheads* do mundo desenvolvido, são execrados. A conversa fiada é a mesma: *eles seriam os eternos forasteiros que chegam na terra da gente para ficarem ricos*.

Os *Carecas do ABC*, responsável-veis pelo assassinato de Edson Nêris da Silva e protagônistas de espancamentos anteriores, contam com cerca de cem integrantes (muitos rapazes e poucas moças, sempre as namoradas de alguns deles). São originários das cidades industriais Santo André, São Bernardo, São Caetano, o famoso ABC, ironicamente o berço de um partido de esquerda, o PT. Os *Carecas* estão sob o lema ultraconservador: "Deus, Pátria e Família".

Apesar de ideologicamente pífios — conhecem de orlhada os dispartes fascistas de Plínio Salgado (*Ver boxe*), uma ou outra frase do "Mein Kampf" (Minha Luta) de Hitler, um ou outro versículo do Apocalipse de João —, seus punhos são vigorosos. Eles fazem reuniões mensais em bares, qualquer bar. A pauta não varia: são contadas vantagens de quem socou um punk, espancou um gay, passou uma rasleira em um judeu.

Grças ao telefonema de uma testemunha para a polícia, 18 integrantes dos *Carecas* foram encontrados em um bar onde conversavam e ouviam música. Todos foram presos. De Edson - o homem que ousou passar de mãos dadas com outro homem - restou a descrição feita pelo seu padrao ao cumprir o ritual de vestir o corpo: "**O pescoço dele estava grosso, um tronco. Mas o pior era a cabeça. A parte de trás estava partida em pedacinhos, como se tivesse pequenas rachaduras. Também tinha furos. Acho que esses ferimentos foram provocados pelo soco-inglês que usaram para bater no meu filho. As únicas partes inteiras eram as pernas e os braços.**"

**MILITANTES DO ÓDIO**

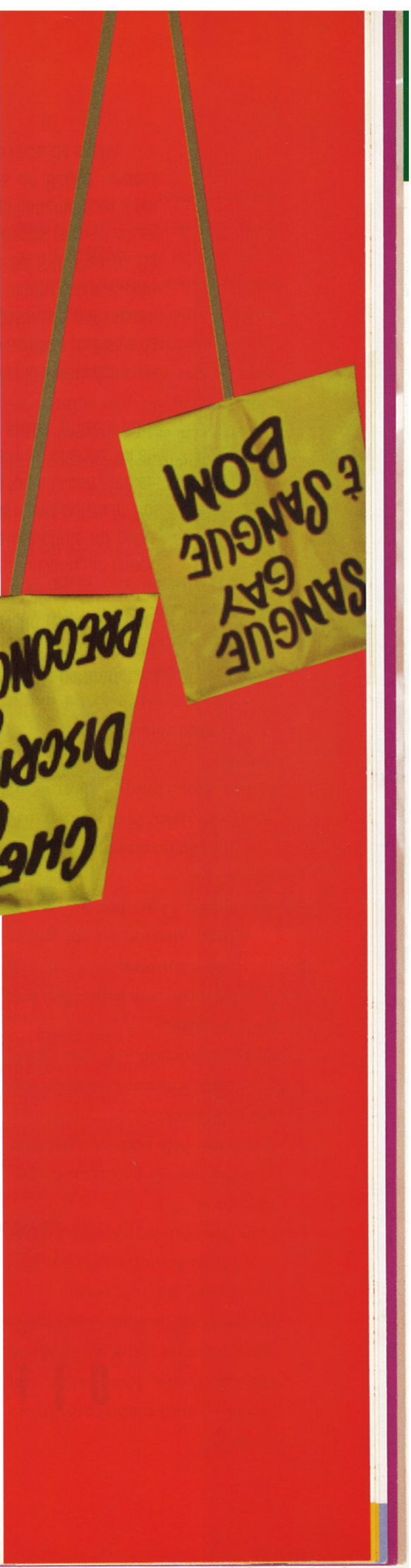
A maioria dos brasileiros sabem dos *skinheads* por meio dos telejornais. Eles aparecem em grupos, ensandecidos, com símbolos nazistas tatuados no corpo e fazem do carretas de ódio para as câmeras. Parece distante, afinal eles atuam nas capitais europeias e nos Estados Unidos.

Mas fazendo jus a um país periférico que adora copiar, o Brasil também tem os seus cabeças raspadas. São grupos pequenos, formados por jovens geralmente de classe média baixa. Exemplos: *Skinheads do Brasil*, *Carecas do ABC*, *Carecas do Subúrbio*, *Carecas da Periferia*.

Como os seus colegas do primeiro mundo, os *made in brazil* cultivam a virilidade, o autoritarismo, a xenofobia, a homofobia e o horror a judeus, punks e remanescentes hippies. Naturalmente, há algumas adaptações tropicais: os *Carecas do ABC* admitem negros e nordestinos

**CHEGA DE DISCRIMINAÇÃO E PRECONCEITO**

**SANGUE GAY É SANGUE BOM**



## ANTES E DEPOIS DE EDSON

A condenação a 21 anos de prisão de dois *skinheads* assassinos

pode ser um sinal de que o Brasil esteja desejando sair do limbo das impunidades e a justiça querendo tirar a venda para enxergar as centenas, milhares de vítimas da intolerância sexual. Segundo dados da Associação Parada do Orquídeo GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros), 130 homossexuais foram assassinados depois da morte de Edson. E faz uma ressalva: esse número totaliza os casos que chegaram à imprensa. Ou seja, na realidade, o número de vítimas deve ser maior.

Um ano antes da morte de Edson, na mesma Praça da República, os *skinheads* atacaram Marcos Daniel Braga, um homem gay que teve seu rosto irreversivelmente deformado. Entre seus agressores estava Henrique Velasco - um dos rapazes que investiram contra Edson e Dario.

Há também a violência policial contra os travestis que vendem seus favores sexuais aos rapazes "de boa família" nas esquinas noturnas da cidade. E a chamada "opinião pública" raramente se manifesta contra esse tipo de intolerância.

## ESSAS PESSOAS NA SALA DE JANTAR

O assassinato de Edson Nêris da Silva chocou os brasileiros que lêem jornais pela brutalidade e "gratuidade" do ato. Mais ou menos pessoas pensaram o seguinte: "discriminar gays tudo bem, mas matar é exagero! Esse raciocínio é parente da famosa frase, proferida pelo político Paulo Maluf, "estupra, mas não mata!"

O inquietante da história é que os *Carcas do ABC* não estão descolados da sociedade. Eles não se consideram subversivos da ordem, haja vista seu lema: *Deus, Pátria e Família*. Portanto há uma base sociocultural para que o fenômeno *skinheads* exista. Essa base se nutre de um caldo machista, sexista, intolerante. Naturalmente que apresentam gradagões.

Assassinar um homem gay em praça pública pode ser a gradação máxima. No entanto, por todos os segmentos e espaços da sociedade brasileira pululam manifestações de intolerância sexual. Dito com todas as letras: a intolerância contra gays, bissexuais e lésbicas, mora nas conversas familiares, nos programas humorísticos da TV, nas novelas do horário nobre, nas pidades das mesas de bar, no papo dos operários e dos patrões. Mora nos sindicatos combativos, nos locais de trabalho, nos centros de lazer. E não paga alu-

Langando mão de uma metáfora médica, poderíamos dizer que a intolerância sexual é como a AIDS: detona todo o sistema imunológico social.

O alerta que precisa soar é: uma sociedade sem proteção contra as intolerâncias facilita o surgimento de totalitários armados, de fanáticos por uma suposta uniformidade de comportamentos, de crenças de uma única bíblia, de supremacias étnicas/raciais etc, etc, etc.

E o pior: uma sociedade intolerante semeia ervas daninhas em todos os jardins, sejam eles públicos, privados, pequenos ou grandes.



Plínio Salgado

(1895 - 1975)

Idéologo e auto-pro-

clamado chefe absoluto

da Ação Integralista

Brasileira, movimento e

partido (1932) de voca-

ção fascista. Seu ideário

mesclava catolicismo,

autoritarismo, nacional-

ismo e anti-semitismo.

A organização exigia

submissão completa de

seus militantes que, em

manifestações públicas,

surgiam organizados em

falanges, uniformizados

com camisas verdes e

calças brancas ou azuis.

Seus adversários natu-

rais eram os anarquis-

tas, socialistas e comu-

nistas. Em 1937, durante

o Estado Novo, Plínio

Salgado foi preso e sua

Ação Integralista entrou

para os rodapés da His-

tória.

PRECONCEITO  
É  
PECADO

# OS DEBATES DO RACISMO

**Em debate promovido pela Maria, Maria e mediado por Maria Lucia da Silva, coordenadora do Instituto AMMA (ver boxe), Magali Celso e Celina Crispim contam sobre as manifestações e as consequências psicossociais do racismo, a partir de suas experiências de vida na família, na escola e no trabalho.**



*Da esquerda para direita Celina, Magali e Maria Lucia*

## Magali

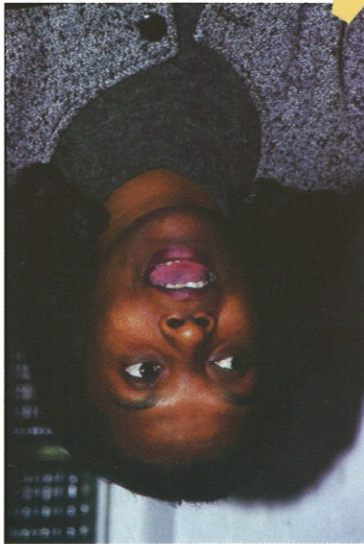
Na escola, eu era a única criança negra. Eu não conseguia entender porque as outras crianças não gostavam de mim. Eu queria brincar, fazer parte do grupo, e, no entanto, eu tinha que ficar quietinha lá no meu canto. Quanto menos eu aparecesse, menos eu seria ridicularizada. Os professores não faziam nada para mudar essa situação. Eles só atendiam as crianças brancas, só davam atenção às crianças brancas. A questão é que eu estava lá. Quer dizer, estava e não estava, tenho a impressão que para eles eu era mais um móvel na sala. Nessa época, eu não tinha uma identidade muito clara. Para minha família, eu era a negrinha linda, a princesinha. Todos me abraçavam e me beijavam. Já na escola, eu era macaca, feia, resto do asfalto. Quando eu comentava em casa, minha mãe falava: *é assim mesmo, os brancos não gostam da gente, você tem que se acostumar.*

Eu sempre gostei de estudar. Com quinze anos, eu fiz um curso técnico de patologia clínica. Quando eu estava terminando o curso, um laboratório chamou para preencher uma vaga de imediato. Eu disse: *ótimo*. Cheguei no laboratório com os meus documentos, mas quando a recepcionista me viu ela levou um choque. Ela disse: *aguarda só um minutinho, que eu vou falar com a pessoa responsável*. Esse minutinho virou meia hora. Comecei a achar que tinha alguma coisa estranha, porque ela não voltava com os meus documentos. Quando finalmente voltou, ela disse: *olha Magali, você me desculpe, mas houve uma confusão aqui e a vaga já foi preenchida*. Eu vi na cara dela que era mentira, mas não tinha argumentos para falar: *você está mentindo*. Eu me senti muito mal e a partir daquele dia não voltei a procurar emprego nessa área. Passei a procurar emprego como auxiliar de escritório e continuei a trabalhar como auxiliar ainda um bom tempo. O pior é que comecei a achar que realmente eu estava querendo demais. Imagina, eu vou ser técnica de laboratório? Não vou ser, ninguém vai querer. Talvez, se eu fosse trabalhar na faxina, se eu fosse oferecer cafézinho no laboratório, eles me aceitassem.

Isso afetou minha vida profissional. Sofrer discriminação não é uma coisa que acontece com você e depois você esquece e pronto. Como uma das consequências, sou uma pessoa retraída,

desconfiada. Eu não converso com todo mundo, eu não me abro. Eu acho que já perdi boas oportunidades por conta disso. Teve uma época em que trabalhei em consultoria. A gente convivia com os donos das empresas, com gerentes. Mas eu não conversava com essas pessoas, eu conversava com o faxineiro, com quem servia o cafézinho, com os auxiliares. De repente, se eu tivesse conseguido conversar com o gerente, com o diretor, eu teria feito mais contatos. Ou seja, eu perdi excelentes oportunidades.

Outra consequência nefasta é que por muito tempo eu acreditava que não era boa nas coisas que eu fazia. Não era boa o bastante. Eu tinha que ser sempre nota 10, não podia ser 8 em nada.



Recentemente, eu estava fazendo um contato telefônico com uma psicóloga sobre um projeto que eu

estou coordenando. Dias depois, ela me conheceu pessoalmente e exclamou: *você é a Magali?* Ela deu aquela paradinha para se reafirmar do susto. Então eu pensei: caramba, de novo? Será que o preconceito nunca terá fim?

Mas creio que, hoje, depois de muita terapia, eu entrento melhor o racismo, creio que a gente vai desenvolvendo defesas. Hoje, eu sei quais são os meus direitos, sei que eu tenho direito à saúde, à educação, ao trabalho. Eu não abaixo mais minha cabeça para os brancos.

Da esquerda para direita: Magali, Maria Lúcia e Celina



## Celina

Na infância, me chamavam de negrinha, eu ficava brava, batia, brigava. E havia uma agravante: durante o primário, eu era interna de colégio de freira e da Febem. Então eu era negrinha e da Febem. Acontece que eu sempre gostei muito de ler e de escrever e as minhas redações sempre eram as melhores da classe. Mas essa qualidade nunca era valorizada. Uma professora chegou a dizer: *sendo você quem é... até me espanta você ter escrito tão bem assim.*

Agora, muitos anos mais tarde, eu entendo que ser boa em redação era uma atronia. Como uma negrinha, uma Febem, podia esperar muito melhor que eles? Crever muito melhor que eles? A verdade é que eu sempre quis mais, eu nunca achei que tivesse nascido para ficar na miséria ou ser a última a aprender a escrever. Eu sempre queria mais e isso, de uma certa forma, ofendia as pessoas brancas: imagina, como uma garota que nasceu negra, pobre, que nasceu para ser empregada doméstica, está querendo ir para cima?





Quando eu tinha treze anos, lá na Febem, surgiu um projeto para inserir algumas meninas na Embratel. Eu me candidatei e não consegui. Primeiro eles disseram que sim. Mas, na verdade, só as meninas brancas foram trabalhar lá. E o problema é que ninguém diz diretamente. Fica tudo no ar. Mas quem sofre a discriminação sabe direitinho o que está acontecendo.

Um ano depois, eu pedi trabalho novamente. E, claro, comecei uma carreira de empregos domésticos. Para mim, a garota negra, só tinham empregos domésticos. Eu pensei: puxa vida, por que eu não posso trabalhar numa Embratel ou como recepcionista num consultório? Eu estava bem qualificada para essas funções. Até mais qualificada do que as meninas brancas que ocupavam esses lugares.

Dos catorze aos dezito anos, ininterruptamente, eu trabalhei como empregada doméstica. Eu lembro que, nessa época, a condição da Febem para deixar a gente trabalhar em casa de família era que nós estudássemos. Então eu chegava às dez e meia da noite do colégio e tinha que lavar a louça do jantar.

Empregada doméstica não tem intervalo, não tem horário de almoço, não tem hora de entrar, e não tem hora de sair. E comigo tinha mais uma agravante: com duas patroas que eu trabalhei, elas sempre faziam o terror psicológico que, se eu não desempenhasse, elas me mandariam de volta para a Febem.

Ah, e tem o lance que você não pode comer também. O *danone* da criança, o queijo e do patão. Eu me sentia como uma servical

do século XVIII. Trabalhar para comer e dormir, ganhando uma miséria.

E também tem a violência: uma vez, depois de um mês trabalhando em uma casa, de domingo a domingo, eu ainda tive que passar pelo constrangimento de o filho da patroa chegar bebado de madrugada e querer entrar no meu quarto. Depois, ela insinuou que eu estava querendo seduzi-lo.

Recentemente, fui trabalhar como garçonete em um restaurante de elite. Eu era a única negra trabalhando lá. Eu vi muitos clientes fazerem cara de espanto ao me verem. No princípio, eu não sabia exatamente o porque, mas depois eu comecei a perceber que o espanto era por eu ser negra.

Um dia, foi uma senhora que deve ser dessas famílias quatrocentonas, que tiveram negros como escravos a vida inteira, ela virou-se pra mim e disse que eu era uma gracinha e se eu gostaria de trabalhar como copeira na casa dela.

Dai eu concluí que as pessoas brancas achavam estranho uma negra estar trabalhando em um restaurante chique, enquanto meu lugar deveria ser na cozinha ou na faxina.

### Como resposta? Bom, eu acredito que a literatura e o dança flamenco.

Eu já superei o pior mas, mesmo assim, ainda é difícil. É estressante conviver com o ideal de beleza, que é o ideal branco. Às vezes, eu tenho dor de barriga, às vezes, eu acho que minha maquiagem não está suficientemente boa. O cabelo é difícil de mexer. Os brancos estão, de um jeito ou de outro, dizendo o tempo todo que ser negra é ser feia. E como se eles tivessem o poder de alterar a nossa imagem no espelho.

O trabalho da sociedade é nos deformar. Foi assim que aconteceu nos livros de escola, onde o negro era um pouquinho acima de um bicho. Então o negro não sabe falar, não tem educação, não pode discutir, não pode ser bonito, não pode liderar.



# Comentários de Maria Lúcia da Silva



Magali e Celina ilustram, com suas histórias, como a escola pode "silenciar" as crianças negras, trazendo consequências graves para as suas vidas.

*"...tenho a impressão que para eles eu era mais um móvel na sala."*

(Magali)

Essa fala indica o processo de "coisificação" vivido pela criança e também a condição de invisibilidade a que é induzida.

*"Uma professora chegou a dizer: sendo você quem é... até me espanta você ter escrito."*

(Celina)

Uma das formas mais violentas e per- versas de dizer para alguém que não existe é não olhar para esse alguém tal como ele é, levando-o a um profundo desconforto, intensificado pelo senti- mento de não pertencimento.

É através do olhar do outro que eu me constituo como sujeito. Isso significa que a criança se desenvolve estando em relação, por meio da qual vai desvendando, ao mesmo tempo, a si e ao outro.

A qualidade do olhar determina o grau de auto-estima da criança em desenvolvimento - quando e como sou olhada? o que sinto a cada novo olhar? que mensagens recebo na interação cotidiana?

*"Em casa, eu sou negra linda e na escola, eu sou negra feia."*

(Magali)

Esse relato mostra que, em função da qualidade do olhar, uma mesma pes- soa é olhada a partir de atributos total- mente inversos: linda/feia. Tal ambigui- dade e a dupla mensagem geram um estado de confusão interna.

Além disso, um mesmo estímulo pode provocar reações diversas, dependen- do inclusive do ambiente em que se passam as relações.

*"Eu queria brincar, fazer parte do grupo, e, no entanto, eu tinha que ficar quietinha lá no meu canto."*

(Magali)

A criança constrói o seu auto-conceito por meio da forma como é tratada; da linguagem verbal e corporal dirigida a ela; do respeito a suas atitudes e mani- festações. Quando não é vista, não se sente merecedora de respeito, julgan- do-se alguém sem direitos e sem pos- sibilidades de desenvolver seus talen- tos e habilidades. Mais tarde, essa ex- periência repete-se no sentimento de não ter direito a um bom trabalho ou a um cargo de destaque.

*"Na infância, me chamavam de negra, eu ficava brava, batia, brigava."*

(Celina)

Dizer à criança que ela precisa se acos- tumar com situações de discriminação é confiná-la à invisibilidade e à condi- ção de isolamento devido ao não pertencimento, isso a entranquece e re- baixa a sua auto-estima. É necessário falar sobre os seus direitos e suas potencialidades. A medida que a mãe/ pai aceita e se conforma com a situa- ção de discriminação, a criança come- çará a se perguntar o que precisa fazer para ser olhada/gostada. Essa fase po- derá ser o início de um processo de embranquecimento, termo entendido aqui como a negação de ser negra na busca de ser aceita e querida.

*"... minha mãe falava: é assim mesmo, os brancos não gostam da gente, você tem que se acostumar."*

(Magali)

As crianças negras não podem se acos- tumar, nunca, com o tratamento dis- criminatorio, elas precisam ser informa- das sobre sua história, sobre o que aconteceu e acontece com os negros na sociedade. Precisam ser acolhidas na sua dor, sempre que sofrerem humilha- ção. É fundamental que tenham a no- ção de pertencer a um grupo, a uma fa- milia, a uma cultura, e de ter uma his- tória da qual possam se orgulhar.

A experiência profissional de Magali e Celiina, num dado momento, as leva à reprodução do mesmo tratamento que a sociedade lhes dá:

*"O pior é que comeci a achar que realmente eu estava querendo demais."*

(Magali)

*"É, claro, comeci uma carreira de empregos domésticos. Para mim, a garota negra, só tinham empregos domésticos."*

(Celiina)

Elas começam a acreditar que não são capazes o suficiente para ocupar uma posição de destaque e prestígio. Pode-se verificar aí a perversidade do racismo e seu impacto, seja na (i)mobilidade social, seja no emocional dos indivíduos. Ao introduzir os valores do discriminador e a própria experiência de como ser olhada pela sociedade, elas dão início a um processo de auto-exclusão. Há um rebaixamento de suas expectativas e passam a buscar ou aceitar a inserção profissional em espaços que exigem menor qualificação. Nesse momento, o racismo cumpre seu papel, deixando suas vítimas completa-mente descredenciadas acerca de si e mobilizando sentimentos de fracasso, de impotência e, sobretudo, gerando angústia por não conseguirem expres-

*"Sofrer discriminação não é uma coisa que acontece com você e depois você esquece e pronto. Como uma das conseqüências, sou uma pessoa retratada, desconfiada."*

(Magali)

A discriminação mantém os indivíduos acudados, impedindo-os de desenvolver sua autoconfiança e auto-estima. Os prejuízos emocionais provocados pelo racismo, enumerados por Magali (retratamento, desconfiança, dificuldade de se relacionar com autoridade), têm impacto na vida material.

*"Eu acho que já perdi boas oportunidades por conta disso... A gente convivia com os donos das empresas, com gentes. Mas eu não conversava com essas pessoas, eu conversava com o faxineiro, com quem servia o cafézinho, com os auxiliares."*

(Magali)

Magali se identificou com os trabalhadores de profissões subalternas e sem prestígio, provavelmente porque essa situação evocava a experiência de exclusão vivida na escola, o que provocou dificuldade no relacionamento com figuras de autoridade.

(Celiina)

O racismo cria também uma condição paranoica para o discriminado,

A ocupação desse lugar reservado à mulher negra resulta na reprodução de práticas seculares de violência, como na escravidão, entre as quais o assédio sexual dos pais ou de seus filhos.

(Celiina)

*"Um dia, uma senhora, que deve ser dessas famílias quatrocentonas, que tiveram negros como escravos a vida inteira, virou-se para mim e disse que eu era uma gratinha e se eu gostaria de trabalhar como copeira na casa dela."*

*"E também tem a violência: uma vez, depois de um mês trabalhando em uma casa, de domingo a domingo, eu ainda tive que passar pelo constrangimento de o filho da patroa chegar bebado de madrugada e querer entrar no meu quarto. Depois, ela insistiu que eu estava querendo seduzi-lo."*





pois ninguém discrimina diretamente. Fica tudo no ar...

*"Recentemente, fui trabalhar como garçonne em um restaurante de elite. Eu era a única negra trabalhando lá. Eu vi muitos clientes fazerem cara de espanto ao me verem."*

(Celina)

Mas não se trata de paranoia, pois ainda hoje, século XXI, são poucos os lugares em que há relações isentas ou, pelo menos, pessoas conscientes de seus preconceitos. Isso gera muitos transtornos e nem sempre há recursos, sejam emocionais ou materiais, para responder às situações de humilhação sem abalar a saúde física e mental dos afro-descendentes.

*"E como se eles tivessem o poder de alterar a nossa imagem no espelho. O trabalho da sociedade é nos deformar."*

(Celina)

*"Dias depois, ela me conheceu pessoalmente e exclamou: você é a Magali? Ela deu aquela paradinha para se refazer do susto. Então eu penso: carambá, de novo? Será que o preconceito nunca terá fim?"*

(Magali)

Celina e Magali expressam como revivem a segregação produzida pelo racismo a cada espanto, a

cada olhar. O ideal seria que não precisássemos desenvolver defesas, mas isso só poderia acontecer quando a sociedade viver com a diversidade, sem juízo de valor.

Enquanto isso, criar estratégias psicossociais para o enfrentamento do racismo é uma medida de saúde. Apesar dos caminhos dolorosos percorridos por Magali e Celina, elas mostram que a informação e a disposição para o auto-conhecimento, podendo assim combater o racismo também a partir de sua realidade interna, são instrumentos valiosos para a conquista de dignidade e de um lugar na sociedade.



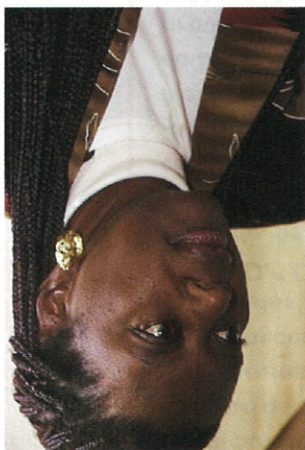
## O Instituto AMMA Psique e Negritude foi criado em 1995 com a preocupação de desenvolver métodos de intervenção voltados para a realidade psíquica da população afro-brasileira.

A psicanalista Isildinha Baptista Nogueira, doutora pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, alerta em sua tese para o fato de que "as pesquisas que tratam da questão da negritude em geral se concentram no fenômeno do racismo e da discriminação enquanto fatos sociais..."; sendo que sua hipótese é de que "tais fenômenos afetam o negro não só no plano sociológico, mas também no plano psíquico". Ainda segundo ela, "nem a consciência da condição de negro nem o engajamento em relação às lutas políticas contra a discriminação racial são suficientes para modificar a condição do negro, na medida em que os sentidos do racismo, inscritos na psique, permanecem não elaborados";

Para a Dr<sup>a</sup> Damiana Pereira de Miranda, pesquisadora da área de saúde mental e coordenadora do Programa de Atenção à Saúde da População Negra da Universidade Federal de Bahia, "o racismo é, provavelmente, o maior acidente histórico sofrido pelos afro-descendentes. Emocionalmente, os afro-brasileiros vivenciam-no como a negação pura e a desvalorização sistêmica dos seus atributos humanos e a dificuldade para o exercício pleno de sua cidadania. Essa situação causa diversos transtornos físicos e psicossociais às vítimas, variando desde a imobilidade social, passando pela auto-imagem negativa, até o aparecimento dos transtornos mentais e psicossomáticos."

# Está chegando a hora

**Sônia Maria Pereira Nascimento é advogada e coordenadora executiva do Geledés - Instituto da Mulher Negra. Ela faz questão do Pereira de seu nome, como uma homenagem a sua mãe, Zilda, que ficou viúva aos 24 anos e criou duas filhas biológicas e nove meninas de coração. Nesta conversa, Sônia contou a Maria, Maria um pouco da luta que ela e milhões de mulheres negras travam cotidianamente contra o racismo e a discriminação racial no país do carnaval, da Febem, da Xuxa, do Pelé e do "quem disse que eu disse isso?"**



**MM** - *Você hoje é conhecida como uma advogada especializada em causas raciais, principalmente defendendo mulheres. Como é que tudo começou?*

**Sônia** - Eu fui oficial de justiça durante quinze anos na vara da família e presenciei muita mulher sendo passada para trás, inclusive em sala de audiência, acompanhada ou não por um advogado, saindo bastante prejudicada por conta dos acordos que acabava aceitando. Portanto, eu sempre tive uma percepção para as injustiças de gênero e de raça.

**MM** - *Como surgiu o Geledés - Instituto da Mulher Negra?*

**Sônia** - Surgiu quando onze mulheres negras, que militavam no movimento negro e no movimento de mulheres, entenderam a necessidade de criar uma organização que tratasse especificamente das demandas da mulher negra. No movimento negro, os homens não queriam nem ouvir falar na

**MM** - *Por que mulheres?*

**Sônia** - Ser mulher e ser negra é estar vulnerável a uma dupla discriminação. Depois, é a mulher que está diretamente envolvida com a

**MM** - *O SOS Racismo funciona?*

**Sônia** - Funciona e muito. O serviço, pioneiro no Brasil, foi criado em 1991 e nós levamos um susto com o número de pessoas que, de cara, nos procuraram. Principalmente as mulheres.

**MM** - *O SOS Racismo funciona?*

discurso racial no movimento de gênero no movimento negro e o guímos incluir o discurso de que isso não era verdade. Conseguimos provar, inclusive com o *Geledés* e o *SOS Racismo*, negras. Nós conseguimos provar, nados os problemas das mulheres, lheres em geral, estamos solucionando que resolvida a questão das mulheres em geral, tudo daria certo. No movimento feminista, dizia-se que resolvida a questão do negro em geral, tudo daria certo. dia que resolvida a questão do gênero, porque enten-

**MM** - Como é lidar com a dor causada pela discriminação?  
**Sônia** - Sempre dói, porque toda discriminação é injusta. Mas eu sempre reajo, com firmeza, quando sou discriminada. Em geral, quando a pessoa que discrimina é flagrada, ela se desculpa, dizendo que não era bem aquilo... Eu faço questão de dizer: *eu sei o que está acontecendo, você não é a primeira pessoa que discrimina, mas eu espero que seja a última...* É fundamental para as mulheres negras, na luta contra o racismo, dizerem que sabem muito bem o que está acontecendo. Dizem: *estou senão do discriminada sim!*

**MM** - Alguém no Brasil está preso por crime de racismo?  
**Sônia** - Infelizmente não. Os juizes brasileiros, em sua imensa maioria brancos, não condenam os réus. O que acontece sempre é um pedido de desculpas, uma retratação do réu. Às vezes, o juiz nem quer considerar muito o caso, acha irrelevante.

**MM** - Então a lei contra o racismo não saiu do papel?  
**Sônia** - Vamos por partes. O fato de o discriminador comparecer a uma delegacia de polícia já é um passo. O fato de comparecer em frente a um juiz é outro grande passo. Não se muda uma cultura racista de uma hora para outra. Mas quando se mete a polícia e o tribunal no meio, a mudança pode acelerar.

**MM** - Mas isso não é pouco?  
**Sônia** - Para quem sofre a discriminação racial é muito pouco. Mas o movimento negro não está parado. Muitas vezes, o crime racial é raciocínio era como uma negra vai poder me ajudar?



**MM** - Onde se dá a maior discriminação?  
**Sônia** - A discriminação ocorre em todos os lados, na escola, na rua, nas portas de banco, no espaço público. Ela se explicita, principalmente, no mercado de trabalho. Muitas vezes, as mulheres negras não conseguem nem empregos modestos, como os de recepção-nista, caixa, secretária. E se uma mulher negra consegue ingresso no mercado formal, quando ela atinge um nível de carreira cujo próximo passo só poderá ser a gerência ou a diretoria, 99% das vezes, ela será preterida. No lugar que seria dela, entra um branco ou uma branca. Ou seja, no topo jamais.

**MM** - Sônia, mulher negra, advogada, já foi discriminada?  
**Sônia** - No início da carreira eu fui estagiária do Centro de Orientação Jurídica e Encaminhamento (COJE), que atendia mulheres vítimas de violência. A cidadã que nos procurava, depois de passar pela assistente social e pela psicóloga, era encaminhada para a advogada. Pois bem, muitas entravam na sala e, ao me ver, perguntavam: *cadê a advogada?* Outras, ainda, me olhavam com desconfiança e relatavam o caso com a descrença de que sua demanda não iria dar em nada. O racismo não dá para passar pela assistente social e pela psicóloga, era encaminhada para a advogada. Pois bem, muitas entravam na sala e, ao me ver, perguntavam: *cadê a advogada?*

**MM** - Você acredita que o país está menos racista?  
**Sônia** - O Brasil é um país hipocrítico e cínico. No dia que negras e negros disputarem cargos importantes, a máscara da "democracia racial" será queimada. Ali a coisa vai pegar.

**MM** - Você cre que temos mais violência?  
**Sônia** - A violência já existe contra os negros. Racismo, discriminação, violências físicas e psicológicas são velhos conhecidos da população negra brasileira. Na hora em que os negros ascendem aos espaços de poder, poderemos ter conflitos bem sérios com os brancos. Eu espero que não. A luta do movimento negro é pela igualdade de oportunidades e pela justiça. Mas se for preciso brigar, não tenho dúvida que o faremos.



# Duas histórias de racismo a brasileira

## CAIU A FICHA

No domingo, ela contou as moedinhas e comprou o jornal, não pelas notícias, seu objetivo era o *caderno de empregos*. Ela havia acordado com uma boa intuição. Estava desempregada fazia seis meses. Já começava a faltar tudo.

Procurando no jornal, ela circulou com tinta vermelha a oferta de emprego, na *Drogaria Santiago*, para caixa. Que bom que a *Santiago* era uma rede, ela gostava de empresas grandes, por quatro anos havia sido caixa na rede *Brasília* de supermercada. Depois veio a maracutala dos donos e a demissão em

massa. Ser caixa para Lucinha era tão natural como um cartoca ir à praia. Sabia tudo do ofício. Amanhã, ela pensou, *posso estar começando uma nova vida*. Dor-minu feliz, como não fazia há seis meses.

Segunda-feira, foi a primeira a comparecer ao prédio onde seria feita a seleção. Levava documentos completos, comprovação de experiência anterior e um sorriso. Em vão. A atendente disse que ela nem precisava fazer a ficha, não perdesse tempo, a vaga não via sido preenchida.

— Como assim? Estava no jornal de ontem...

— Eu não tenho culpa. A vaga está preenchida...

Ela saiu. Algo estava errado — sussurrava uma batida dentro do seu coração. Ela entrou na padaria em frente, pediu uma média. Durou um tempo por ali. Então ela viu uma moça saindo do prédio da seleção e teve um repente.

— Sim, eu fiz ficha para caixa. Eles estão precisando de várias caixas nas farmácias da rede — disse a moça um tanto surpresa com a pergunta.

Dal Lucinha compreendeu tudo. Ela nem fizera a ficha porque era uma mulher negra.

## AULA DE LITERATURA

Maria Cláudia amava tudo nos livros: o formato, o cheiro, o papel e, principalmente, os textos. Fez Letras, graduou-se, pós-graduou-se. Agora tentava, com competência e sedução, passar um pouco do seu amor pela literatura para alunos em um colégio público.

Ardua tarefa. Mas ela não deixava a inspiração cair. Falava com amor de Machado de Assis, Clarice Lispector, Graciliano Ramos. Indicava romances, selecionava contos, lia trechos iluminados em voz alta para uma turma refratária à gratuidade da expressão artística.

No fundo, Maria Cláudia via seu trabalho como uma missão. Algo que ela tinha que fazer para o bem de todos. E fazia.

O problema era que os alunos não liam nada. Nunca. Eles diziam: *Machado de Assis é velho, Clarice Lispector é difícil, Graciliano Ramos nem pensar, professora*. Ela não baixava a guarda, seguia na esperança de que, ao menos, um ou outra entre eles descobrisse o inenarrável prazer da leitura.

Uma tarde, perto do final do ano letivo, ela deixou a dogura e falou duro com os alunos:

— Vocês precisam ler alguma coisa, caso contrário, vou reprovar a turma inteira!

Foi então que um aluno a procurou depois da aula:

— A senhora não tem o direito! Quer saber, a senhora não passa de uma negra metida a professora, uma ex-escrava metida a saber das coisas.

Três meses depois, em frente ao juiz, o aluno se desculpou. Falou que não tivera intenção de ofender. Que, afinal, eram apenas palavras. Maria Cláudia não ficou satisfeita. Ela sempre soube do escandaloso poder das palavras. Sempre soube que as palavras podem perturbar ou transformar o mundo inteiro.









# do que somos

**MM** - Você acredita que os educado-

res estão preparados para lidarem com o preconceito e a discriminação racial dentro da escola?

**Bel** - A maioria ainda não está.

Por isso que o trabalho junto com os agentes educacionais é fundamental para derrotarmos o racismo e a discriminação, não só dentro da escola, mas na sociedade. É um trabalho delicado, muitas vezes o professor não sabe como agir frente a uma situação de discriminação. Ele tenta colocar o conflito de baixo do tapete. E muitas vezes o preconceito está dentro dele mesmo. Ou seja, não dá para ela ou ele saírem sozinhos dessa encrência, é importante o auxílio de organizações que pensam a questão.

**MM** - O que fazer quando o preconceito não é percebido?

**Bel** - Trabalhar para enxergar como esse preconceito foi construído. Nenhum preconceito nasce sozinho.

**MM** - O que fazer quando o preconceito não é percebido?

**Bel** - Em grande parte, sim. Todos precisamos encontrar a nossa própria imagem. Justa imagem significa conhecer as próprias origens, conhecer a própria história, sem desprezos nem ufanismos. Não se trata de conhecer por conhecer. Muitas vezes é preciso saber de onde você é, como você veio, qual a imagem que o

**MM** - Derrotar o preconceito é derrotar imagens preconceituosas?

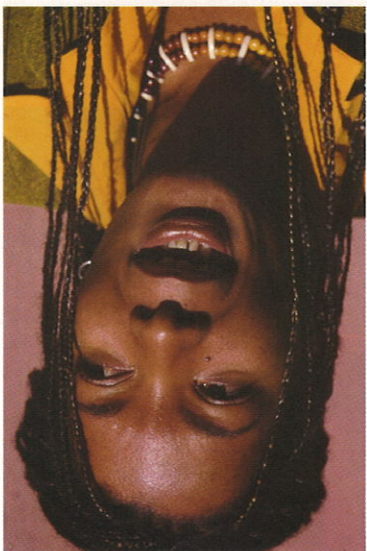
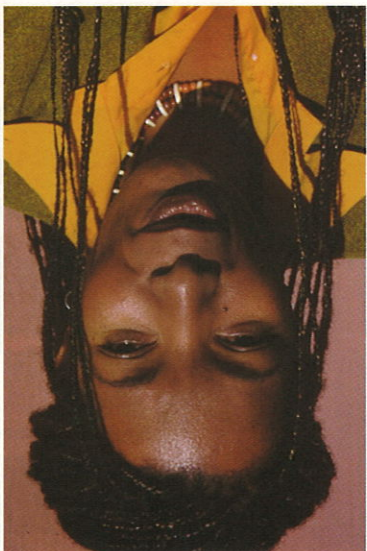
**Bel** - Não se trata de conhecer por conhecer. Muitas vezes é preciso saber de onde você é, como você veio, qual a imagem que o

**MM** - O racismo é uma questão para a população negra resolver?

**Bel** - São os brasileiros que vão resolver. Essa questão não é para uma ou outra raça/etnia solucionar. É para todo mundo. Creio que precisamos tirar as discussões sobre o racismo e a discriminação das gavetas em que elas foram metidas. Não se trata de reunir um grupo de pessoas negras e dizer "resolvam a questão". Não se trata de criar "disciplinas" para discutir os problemas raciais. A discriminação está dentro de uma realidade mais ampla, uma realidade que respeita ou não respeita os direitos humanos.

**MM** - O racismo é uma questão para a população negra resolver?

**Bel** - São os brasileiros que vão resolver. Essa questão não é para uma ou outra raça/etnia solucionar. É para todo mundo. Creio que precisamos tirar as discussões sobre o racismo e a discriminação das gavetas em que elas foram metidas. Não se trata de reunir um grupo de pessoas negras e dizer "resolvam a questão". Não se trata de criar "disciplinas" para discutir os problemas raciais. A discriminação está dentro de uma realidade mais ampla, uma realidade que respeita ou não respeita os direitos humanos.



outro faz de você e a imagem que você faz do outro para poder transformar. Transformar para melhorar, para ir em frente com dignidade. Quando discutimos imagens, fatalmente discutimos papéis de gênero, de raça etc. É, consequentemente, as relações. É importante pôr a questão da discriminação e do racismo como uma questão de relação.

**MM** - O racismo é uma questão para a população negra resolver?

**Bel** - São os brasileiros que vão resolver. Essa questão não é para uma ou outra raça/etnia solucionar. É para todo mundo. Creio que precisamos tirar as discussões sobre o racismo e a discriminação das gavetas em que elas foram metidas. Não se trata de reunir um grupo de pessoas negras e dizer "resolvam a questão". Não se trata de criar "disciplinas" para discutir os problemas raciais. A discriminação está dentro de uma realidade mais ampla, uma realidade que respeita ou não respeita os direitos humanos.

os direitos humanos.

**MM - Uma sociedade que respeite a diversidade?**


**Bel -** Exatamente. Mas não diversidade só como discurso politicamente correto. Não basta dizer: "eu sei que você existe". É preciso ter curiosidade e promover a interação dos diferentes. Descobrir os pontos altos de cada cultura, no nosso caso, a europeia, africana, a indígena, a japonesa, e criar uma relação de fato entre seus descendentes. Mas tem que ser uma relação equânime. Uma relação de respeito mútuo. Nada de mascarar os conflitos, pelo contrário, os conflitos precisam ser explicitados para que a cultura brasileira encontre e reconheça sua própria identidade.

**MM - Identidade quer dizer todo mundo igual?**

**Bel -** Pelo contrário. A diferença é sempre bem-vinda. O caminho, dentro da escola e na vida, é pro-

erradicar a mono-linguagem. Aí de várias melodias. O desafio é movermos a polifonia — a reunião de várias vozes — baixa, alta, aguda, grave, esganigada. Teremos vários pontos de vista. Teremos diferentes maneiras de contar. Finalmente chegaremos a uma história, ou a histórias, escritas a muitas mãos.

**MM - Em que a luta das mulheres pode inspirar a luta contra o racismo?**

**Bel -** As questões de gênero tiveram avanços incríveis na sociedade brasileira. O mesmo não aconteceu com as questões raciais. O movimento de mulheres acumulou décadas de experiência e a luta contra o racismo e a discriminação tem muito que aprender com as feministas. Tem muito que aprender com as sin-  
 ovos. Creio que estamos quebrando os



# Masculinidades E X E N O F O B I A

Tradução para o português de José Humberto Fagundes

# MASCULINIDADES Y Xenofobia

por María José Moreno Ruiz

Recorro al diccionario de la Real

Academia<sup>1</sup> para recordarnos el

orden y el significado de algunas

palabras que nos van a ocupar :

Varonil : esforzado, valeroso, firme.

Masculino : varonil, enérgico.

Hombria : calidad buena destacada

de hombre, especialmente

la entereza o el valor.

Estas definiciones adquieren su

completa relevancia al

yuxtaponerlas a lo que se adscribe

al término femenino.

Femenino : débil, endeble.

Recorro ao dicionário da Real Academia<sup>1</sup> para re-  
cordarmos a ordem e o significado de algumas pa-  
lavras muito utilizadas:

Varonil: esforçado, valente, firme.

Masculino: varonil, enérgico.

Hombridade: qualidade do homem, especialmente

a inteligência ou a coragem.

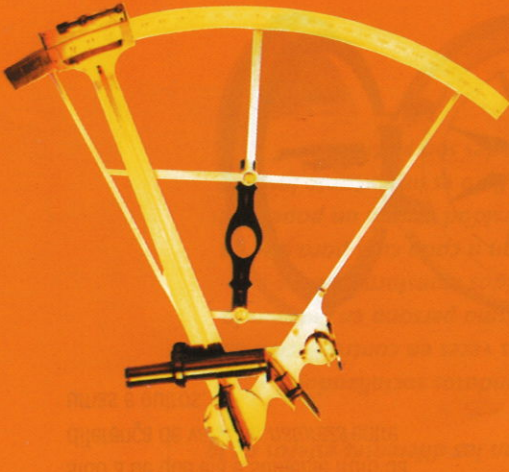
Essas definições adquirem relevância total quando

justapostas ao que se atribui ao termo feminino.

Feminino: débil, fraco.

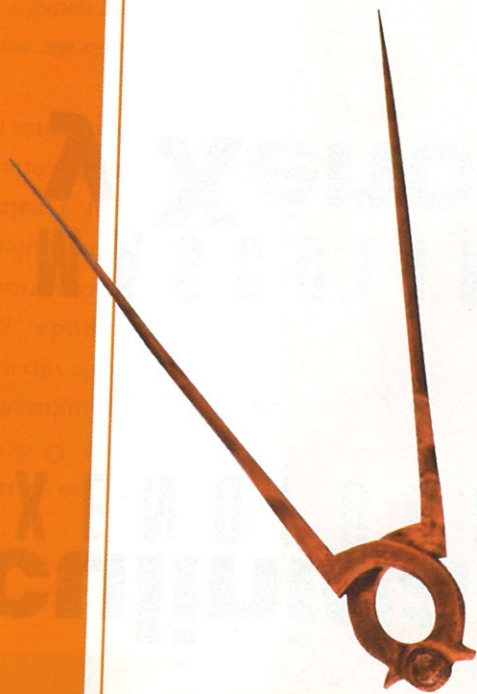
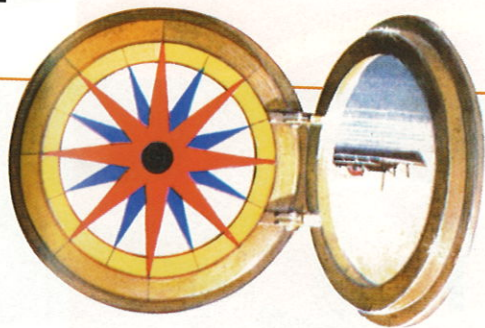
\* Socióloga, Universidad Complutense de Madrid  
Magister « Mujeres y Desarrollo », Universidad Complutense  
Oficial de Programa, Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo. As  
opinões da autora não necessariamente coincidem com as da organização.  
1 Real Academia Española, Vigésima primeira edición, 1992

\* Socióloga Universidad Complutense de Madrid  
Magister « Mujeres y Desarrollo », Universidad Complutense  
Oficial de Programa, Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo.  
Las opiniones de la autora no necesariamente coinciden con las de la  
organización.  
1 Real Academia Española, Vigésima primera edición, 1992



La violencia de género que im-  
 pugn estas definiciones podría  
 por un lado ser usada como evi-  
 dencia para reclamar la  
 necesidad de que haya más  
 mujeres, -50% idealmente, como  
 en todo,- entre L@ Académic@s  
 de la Reales Academias de las  
 lenguas.  
 Por otro lado podemos pararnos  
 sobre las construcciones históricas  
 y de presente de esas atribuciones  
 así como las opciones de cambio  
 para el futuro. Entre los adjetivos  
 que se usan en el diccionario para  
 retratar lo relativo a los hombres  
 (valeroso, esforzado, firme, enér-  
 gico etc), y los que se usan para  
 apuntar lo referente a las mujeres  
 (endeble, débil) se da una  
 jerarquía. A los hombres se les  
 atribuye rasgos de mando, de  
 dominio. A las mujeres rasgos,  
 como la debilidad, que las hacen  
 susceptibles de sufrir ese mando y  
 ese dominio. Cada cual sería,  
 desde ese punto de vista, natural  
 para su función si usamos la  
 maquiavélica teoría de la  
 complementariedad entre los  
 roles de las mujeres y los roles de  
 los hombres.  
 L@ Académic@s no son los uni-  
 cos responsables de la  
 subjetividad de esas definiciones  
 por supuesto. Esas palabras han  
 forjado sus complejos y  
 arrogancias en el seno de socie-  
 dades en las que las mujeres  
 siguen sufriendo discriminaciones  
 y violencias reales. De la misma  
 manera que se nos ha dicho has-  
 ta la saciedad, obviando eviden-  
 cias, que el mecanismo de merca-  
 do automáticamente asigna los  
 precios justos, la interpretación  
 tradicional de esa relación de  
 poder entre los géneros ha sido  
 que la misma es sólo fruto de la  
 diferencia de valía o naturaleza  
 entre las unas y los otros.

A violencia de género impregnada  
 nessas definições poderia, por um  
 lado, ser usada como evidência para  
 reivindicar a necessidade da existên-  
 cia de mais mulheres – idealmente  
 50% como um todo – entre as/os  
 acadêmicos das Reais Academias de  
 línguas.  
 Por outro lado, podemos nos concen-  
 trar nas construções históricas e  
 atuais dessas atribuições, bem como  
 nas opções de mudança para o futu-  
 ro. Entre os adjetivos utilizados nos  
 dicionário para retratar a situação dos  
 homens (valente, esforçado, firme,  
 enérgico etc.) e os usados com rela-  
 ção às mulheres (fraco, débil) existe  
 uma hierarquia. Aos homens são  
 atribuídos traços de comando, de  
 domínio. As mulheres, traços como a  
 debilidade, que as tornam suscetíveis  
 a esse comando e a esse domínio.  
 Cada qual seria, a partir desse ponto  
 de vista, natural para a sua função, se  
 utilizássemos a teoria maquiavélica  
 da complementaridade entre os pa-  
 péis das mulheres e os dos homens.  
 Logicamente, os acadêmicos não são  
 os únicos responsáveis pela subjeti-  
 vidade dessas definições. Os comple-  
 xos e as arrogâncias embutidos  
 nessas palavras estão forjados no  
 seio de sociedades nas quais as mu-  
 lheres continuam sofrendo discrimi-  
 nações e violências reais. Da mesma  
 forma que nos tem sido dito até a  
 exaustão, com evidências óbvias, que  
 o mecanismo de mercado determina  
 automaticamente os preços justos, a  
 interpretação tradicional dessa rela-  
 ção de poder entre os gêneros tem  
 sido a de que ela é somente fruto da  
 diferença de valia ou natureza entre  
 umas e outros.



Podríamos también detenernos, con similares resultados, en esas interrelaciones no espurias entre discriminaciones y palabras poniendo a un lado los vocablos blanca/o, en oposición a negra/o, o india/o y sus connotaciones en el lenguaje de uso corriente. Gloria Steinem comienza un famoso artículo diciendo que las personas blancas hemos tratado de convencer al resto de nuestra superioridad, incluso si el único empirismo biológico a se ostentar manifiesta en nuestra( soy blanca) mayor capacidad para quemarnos la piel con los rayos ultravioletas y la más alta propensión a las arrugas.<sup>2</sup>

Afortunadamente cada vez más niños y niñas crecen en contextos donde hay una retórica que pregona un discurso de igualdad de oportunidades y de derechos humanos universales, aunque es paralelo a otro más o menos implícito que justifica estereotipos y prejuicios. No obstante las niñas y los niños siguen viviendo en la práctica en ambientes en los que los varones disfrutan de las ventajas del dividente patriarcal a lo largo de todo su ciclo de vida y las niñas y niños de tez más blanca la discriminación étnica/racial en las diferentes esferas de la vida. Los mandatos socializadores - muchas veces en contradicción en una misma persona en un mundo de rápidas transformaciones, moldean a cada cual para que en la diversidad asuma un papel diferente. Pero es importante insistir: los papeles son verticales.

**Podríamos también nos deter, com resultados semelhantes, nessas interrelações não espúrias entre discriminações e palavras, colocando de um lado os vocábulo branca/o em contraposição a negra/o ou india/o, e suas conotações na linguagem de uso comum. Gloria Steinem inicia um artigo famoso dizendo que as pessoas brancas têm procurado convencer o resto do mundo de sua superioridade, inclusive quando o único empirismo biológico a se ostentar manifiesta-se na sua (sou branca) maior capacidade de bronzear a pele com raios ultravioleta e maior propensão para as rugas.<sup>2</sup>**

Felizmente, cada vez mais os meninos e as meninas crescem em contextos nos quais existe uma retórica apre-goando um discurso de igualdade de oportunidades e de direitos humanos universais, embora esse contexto ocorra de forma paralela a outro mais ou menos implícito que justifica este-rebóticos e preconceitos. Não obstante, as meninas e os meninos continuam vivendo na prática em ambientes nos quais o sexo masculino destruta as vantagens do dividente patriarcal ao longo de todo o seu ciclo de vida, e as meninas e os meninos de pele mais branca, do dividente outorgado pela discriminação étnica/racial nas diferentes esferas da vida. Os mandatos socializantes - muitas vezes em contradigão em uma mesma pessoa num mundo de transforma-ções rápidas - moldam a cada um para que assumam, na diversidade, um papel diferente. Porém, é importante insistir: os papéis são verticais.

<sup>2</sup> If men could menstruate, Gloria Steinem, <http://www.mum.org/limencou.htm>

<sup>2</sup> If men could menstruate, Gloria Steinem, <http://www.mum.org/limencou.htm>

**Quem detêm o poder é socializado/a para pensar/sentir que isso se deve a sua natureza e vice-versa, enquanto quem não o detêm é socializado/a para sentir/pensar que também isso se deve a sua natureza. Quanto mais socializada for a pessoa sobre sua natureza superior, mais capaz será de recorrer à coação e à violência contra quem, sendo inferior, reivindica paridade.**

Nesse sentido, uma pergunta oportuna na luta contra o estigma do racismo é se os homens brancos e as mulheres brancas são igualmente racistas e se praticam o racismo de acordo com o mesmo modelo. Ao procurar responder a essa questão, podemos tentar ver recorrências na forma como ocorrem os atos de violência racial em ambientes públicos, muitas vezes, violência física. Centramos nesse tipo de atuações evita, além disso, a dificuldade mais previsível na intenção de desnuar subjetividades em grande escala, que não se expressam assim tão drasticamente, sem negar com isso os efeitos devastadores da disparidade no tratamento aberto e oculto das mensagens de ódio racial, nas mensagens para depreciar, da mesma forma que os comentários racistas. Os sujeitos que praticam a violência racista nas ruas não são homens ou mulheres aleatoriamente. Constatase com frequência que na esmagadora maioria das vezes são homens. E isso não é apenas um detalhe. Citaréi vários exemplos. O renascimento neonazista na Alemanha é conhecido por seus ataques reiterados a estrangeiros/as.

**Quem detenta poder es socializado/a para pensar/ sentir que es por su naturaleza y viceversa, quien no lo detenta es socializado/a para sentir/pensar que también es por su naturaleza. Quanto más socializada sea una persona sobre su naturaleza superior más capaz será de recurrir a la coacción y la violencia contra quienes siendo inferiores reivindican paridad.**

En ese sentido una pregunta no ociosa en la lucha contra la lacra del racismo y hacia la comprensión del fenómeno es si los hombres blancos y las mujeres blancas son igualmente racistas y si ejercen el racismo de acuerdo al mismo modelo. Para tratar de responder esa cuestión podemos intentar ver recurrencias en la manera que ocurren los actos de violencia racial en escenarios públicos, muchas veces violencia física. Centramos en este tipo de actuaciones evita además la mayor dificultad previsible en el intento de desnuar subjetividades a gran escala que no se expresan así de drásticamente, sin negar con ello los devastadores efectos de la disparidad en el trato abierto y encubierto, de los mensajes de odio racial y de la depreciación, así como de los comentarios racistas.



### Luciana Paker conclui que "o neonazismo violento é coisa de machos. E 90% dos integrantes dos grupos neonazistas mais extremistas são homens."

É claro que isso não quer dizer que as mulheres estejam à margem desse fenômeno terrível. As que assistem a uma agressão — sempre uma minoria — o fazem principalmente como espectadoras. Porém, um percentual não desprezível contribui ao votar em partidos de ideologia racista.<sup>3</sup> Não obstante, nesse caso as cifras mostram uma realidade pouco ambígua: somente 2% das agressões são feitas por mulheres.<sup>4</sup>

A maioria das pessoas vítimas das agressões físicas é homem. É notório, e coerente com essas cifras, que esses partidos advogam ideais que segregam mulheres e homens em compartimentos estanques e lhes atribuem rigidamente uns papéis e lhes negam acesso a outros.

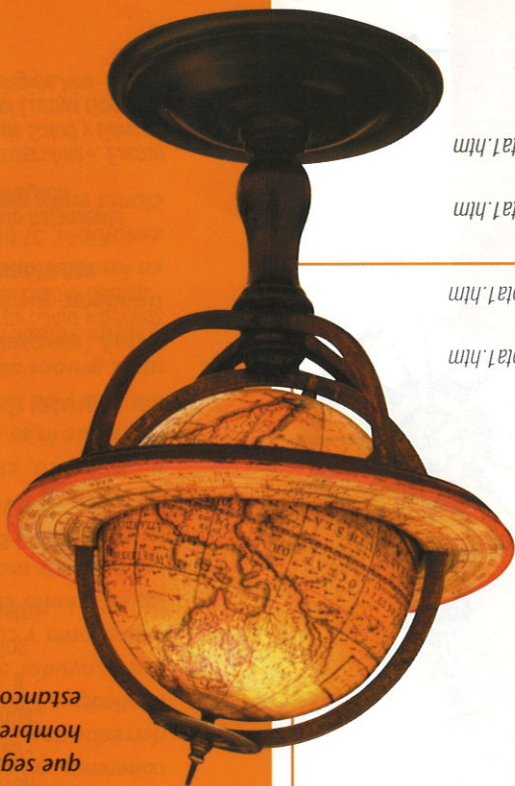
Outro exemplo pode ser encontrado nas marchas racistas de multidoes que arrasaram, em fevereiro do ano 2000, áreas residenciais de magrebinos em El Ejido, uma cidade do sul da Espanha que *importou*, nas últimas décadas, milhares de pessoas procedentes do Norte da África para atuar, a baixo custo, no exigente trabalho do cultivo intensivo na época do inverno.

3 Página 12, 27/10/2000, <http://www.pagina12.com.ar/2000/supl/12/00-10-27/nota1.htm>

4 Página 12, 27/10/2000, <http://www.pagina12.com.ar/2000/supl/12/00-10-27/nota1.htm>

3 Página 12, 27/10/2000, <http://www.pagina12.com.ar/2000/supl/12/00-10-27/nota1.htm>

4 Página 12, 27/10/2000, <http://www.pagina12.com.ar/2000/supl/12/00-10-27/nota1.htm>



### Luciana Paker concluye «el neonazismo violento es cosa de machos. El 90% de los integrantes de los grupos neonazis más extremos son varones».

Por supuesto esto no quiere decir que las mujeres estén al margen de este terrible fenómeno, las que asisten a una agresión — siempre una minoría — lo hacen mayormente como espectadoras, pero un porcentaje no despreciable contribuye votando a partidos de ideología racista.<sup>3</sup> No obstante las cifras en este caso muestran una realidad poco ambigua: sólo el 2% de las agresiones son realizadas por mujeres.<sup>4</sup> También la mayoría de las personas que reciben las agresiones físicas más brutales son hombres. Es sabido, y coherente con estas cifras, que estos partidos abogan por ideales que segregan a mujeres y hombres en compartimentos estancos que les asignan

Los sujetos que ejercen violencia racista en las calles no son hombres o mujeres aleatoriamente. Se constata una y otra vez que la abrumadora mayoría de las veces son hombres. Eso no es un detalle. Citare a continuación varios ejemplos. El rebrote neonazi en Alemania es conocido por sus reiterados ataques a extranjeros/as.



**Em resposta a uma agressão pontual de um magrebino<sup>5</sup> a uma mulher local, cerca de dois mil moradores de El Ejido promoveram uma marcha e agrediram os africanos, queimando suas casas e comércios. Um comunicado da Prefeitura de Jerez sobre o fato atesta que "ninguém comenta a evidência de que os protagonistas da violência física são homens."<sup>6</sup> Em seguida, o autor indaga o que os analistas diriam se os piquetes tivessem sido formados por mulheres. O fato é que "os agressores são homens e a maioria dos agredidos também são homens".**

Paradoxalmente, o preconceito subjacente a essa agressão exemplar é "o caráter violento de todos os africanos", mantendo as mulheres africanas à margem dessa construção. A prova irrefutável do acentuado caráter de gênero impresso por essa horda foi a culminação da sua marcha com a destruição da sede da Federação de Mulheres Progressistas. Os episódios de violência física que os homens de comunidades étnica-mente privilegiadas exercem sobre os homens da comunidade histórica-mente vulnerável são fatos recorrentes, por sua vez enraizados em percepções de identidades étnicas que não respeitam, necessariamente, a menor evidência estatística. Carlos Sandoval, refletindo sobre a construção de identidades entre costarrriquenhos e nicaraguenses nos anos 90, destaca que "um dos modos

5 Um africano que já havia solicitado tratamento psicológico e a quem havia sido negado.

6 "El Ejido, xenofobia y violencia masculina", Excmo. Ayuntamiento de Jerez, Delegación de Salud y Género. <http://www.hombresigualdad.com/legido.htm>.

5 Un magrebi que ya había solicitado tratamiento psicológico y a quien se lo habían denegado.

6 "El Ejido, xenofobia y violencia masculina", Excmo. Ayuntamiento de Jerez, Delegación de Salud y Género. <http://www.hombresigualdad.com/legido.htm>.



**Respondiendo a una agresión puntual de un magrebí<sup>5</sup> a una mujer del lugar, unos 2000 vecinos de El Ejido marcharon agrediendo a magrebíes y quemando sus casas y negocios. En un comunicado del Ayuntamiento de Jerez sobre este hecho se puede leer "Pero nadie comenta lo evidente, que los protagonistas de la violencia física son hombres (varones)".<sup>6</sup> El autor se pregunta a continuación qué hubieran dicho los analistas si los piquetes hubieran estado formados por mujeres. Pero el hecho es que "los que pegan son hombres y la mayoría de los que reciben los palos son hombres".**

rigidamente unos roles y les impiden otros. Otro ejemplo lo podemos encontrar en las multitudes marchas racistas que arrasaron en febrero del año 2000 áreas de residencia magrebíes en El Ejido, un pueblo del sur de España, que en las últimas décadas importó miles de personas procedentes del norte de África para que se ocuparan, a bajo costo, del exigente trabajo que demanda el cultivo intensivo en invernaderos.

Paradójicamente, el prejuicio que subyace a esta agresión ejemplarizante es «el carácter violento de todos los magrebíes», manteniendo a las mujeres magrebíes al margen de esta construcción. La prueba irrefutable del marcado carácter de género que informó esta horda, es la culminación de su marcha con el destrozo de la sede de la Federación de Mujeres Progressistas. Los episodios de violencia física que los hombres de comunidades étnicamente privilegiadas ejercen sobre los hombres de la comunidad históricamente vulnerable son hechos recurrentes y a su vez

enterrados en percepciones de identidad étnicas que no necesariamente respetan la más mínima evidencia estadística. Carlos Sandoval, reflexionando sobre la construcción de identidades entre costarricenses y nicaragüenses en los noventa, apunta «uno de los modos recurrentes de nombrar a los nicaragüenses es referenciando su carácter violento... las mujeres suelen estar ausentes (en esta imaginaria), ausencia que tiende a ser recurrente también los discursos de los medios»?

No obstante «el número de nicaragüenses que habita Costa Rica se estima en un 12% de la población, sin embargo, cuando se coteja el porcentaje de nicaragüenses en prisiones, este apenas alcanza un 2,7%» prosigue Sandoval. En esta línea varios estudios han tratado de mostrar que se pueden delimitar algunas claves del entramado de la diversidad de violencias, i.e. raciales, patriarcales, de edad, de orientación sexual etcétera poniendo atención a sus intersecciones en las personas, por ejemplo a la configuración y ejercicio de identidades de un grupo que se encuentra en la cúspide de los diferentes ejes de discriminación. Si nos circunscribimos a los ejes de raza y género nos estaríamos refiriendo simplemente al grupo de los hombres blancos.

La masculinidad no es un objeto coherente, no se puede producir en derredor una ciencia generalizadora y explicativa.<sup>8</sup> No obstante un dato que puede ayudar a ser consciente de las relaciones entre los grupos es que el concepto de masculinidad es un concepto relacional: a los niños se los socializa en un ideal de hombre varonil, enérgico, esforzado, valeroso y firme que lo es en función de las mujeres y de los otros hombres y los otros grupos de hombres.

George Tillner ha sido uno de los investigadores que ha centrado su atención en las relaciones entre masculinidades y xenofobia. Si bien la totalidad de relaciones entre masculinidades y tramas

recurrentes de identificar os nicaragüenses diz respeito a seu caráter violento... as mulheres tendem a estar ausentes (neste imaginário), uma ausência que tende a ser recorrente também nos discursos da mídia?<sup>7</sup> Não obstante, «o número de nicaragüenses que mora na Costa Rica é estimado em 12% da população, enquanto o percentual de nicaragüenses aprisionados atinge apenas 2,7%», revela Sandoval. Nessa linha, vários estudos têm procurado mostrar a possibilidade de delimitar alguns pontos-chave na estrutura da diversidade das violências, i.e., raciais, patriarcais, etárias, de orientação sexual etc., ressaltando suas interseções com as pessoas, por exemplo, a configuração e o exercício de identidades de um grupo que se encontra no ápice dos diferentes eixos de discriminação. Se nos limitarmos aos eixos de raça e gênero, estaríamos nos referindo simplesmente ao grupo dos homens brancos. A masculinidade não é um objeto coherente. Não se pode produzir em torno dela uma ciência generalizadora e explicativa.<sup>8</sup> No entanto, um dado que pode ajudar na conscientização de expressões e consequências sociais nas relações entre os grupos é que o conceito de masculinidade é um conceito relacional: os meninos são socializados em um ideal de homem varonil, enérgico, esforçado, valente e firme em relação às mulheres e a outros homens e outros grupos de homens. George Tillner é um dos pesquisadores que dedicou sua atenção às relações entre masculinidades e xenofobias.

7 "Construcción de identidades entre costarricenses y nicaragüenses en los noventa", Carlos Sandoval García, <http://www.carriari.ucr.ac.cr/~csandova/> Ediciones de las mujeres n 24, R. W. Connell, *Isis International* 1997.

8 La organización social de la masculinidad, *Isis International* 1997, <http://www.carriari.ucr.ac.cr/~csandova/> Ediciones de las mujeres n 24, R. W. Connell



social son demasiado complejas para ser  
aprehendidas, estas relaciones no son me-  
tafóricas sino que son concretas y pueden  
ser nombradas y analizadas. Las relaciones  
entre masculinidad y etnicidad son una  
parte de ellas.<sup>9</sup> Investigaciones recientes  
con varones racistas jóvenes alemanes han  
problematizado la hipótesis de que serían  
jóvenes de clase obrera que tuvieron pocas  
oportunidades. Los resultados apuntan que  
en su conformación es bastante irrelevante  
si son de estratos privilegiados o no privi-  
legiados, si son de hecho dominantes o no lo  
son, es la noción de que la identidad a la  
que aspiran se revaloriza a través de la  
dominación lo que los hace racistas.<sup>10</sup>

### El problema con la

### masculinidad

hegemónica tradicional  
es que es una práctica de  
identidad que apunta a la  
dominación, y por tanto  
difícil una cultura de  
paz y justicia social.  
Esto se explicita en  
violencias ejercidas con-

tra las mujeres de la  
misma etnia, y contra  
hombres y mujeres de  
otras etnias entre otros.  
Las relaciones de género  
incluyen variantes de  
dinámicas de dominación  
a otras/os y de  
complicidad, y a veces  
rivalidad, entre pares.

En el camino hacia una  
cultura de la paz y la  
justicia social es  
necesario por tanto  
cuestionar las  
dominaciones masculinas

en el estado, en el lugar  
de trabajo, en la escuela,  
en la casa.

bia. Embora a totalidade de relações  
entre masculinidades e trama social  
seja demasiado complexa para ser  
apreendida, essas relações não são  
metafóricas, mas concretas, e podem  
ser identificadas e analisadas. As  
relações entre masculinidade e  
eticidade são uma parte delas.<sup>9</sup>  
Pesquisas recentes com jovens ra-  
cistas alemães de sexo masculino têm  
levantado a hipótese de que seriam  
jovens de classe operária que tiveram  
poucas oportunidades. Os resultados  
indicam que, na sua conformação, é  
bem irrelevante se eles são de estrato  
privilegiados ou não privilegia-  
dos, se são de fato dominantes ou  
não. É a noção de que a identidade a  
que aspiram se revaloriza pela domi-  
nação que os faz racistas.<sup>10</sup>

**O problema com a masculinidade hegemônica tradicional é que a prática da identidade aponta para a dominação e, portanto, dificulta uma cultura de paz e justiça social. Isso se explicita em violências exercidas contra as mulheres da mesma etnia e contra homens e mulheres de outras etnias, entre outros. As relações de gênero incluem variantes de dinâmicas de dominação a outras/os e de complicidade e, às vezes, de rivalidade entre pares.**

**No caminho da cultura da paz e da justiça social, é preciso questionar, portanto, as dinâmicas masculinas no Estado, no local de trabalho, na escola, em casa.**

9 Masculinity and Xenophobia: the identity of dominance, George Tillner  
<http://www.mailbox.univie.ac.at/~tillnegg/xenomale/OSLO.html>

10 Masculinity and Xenophobia: the identity of dominance, George Tillner  
<http://www.mailbox.univie.ac.at/~tillnegg/xenomale/OSLO.html>

En el marco de un mundo interrelacionado, en el que las personas despliegan en su cotidianidad diferentes roles de sus identidades múltiples y/o fragmentadas, atajar esas formas de dominación, deconstruir las ayudará a cuestionar, e idealmente socavar hasta la eliminación - otras violencias como la violencia étnica. Conell ha profundizado asimismo en la necesidad de cuestionar este proceso los niveles más altos del mundo empresarial, militar y gubernamental cuando ejercen un despliegue corporativo bastante convincente de masculinidad, aun poco cuestionado por las mujeres feministas o los hombres disidentes. Su recurso exitoso a la autoridad, más que a la violencia directa, es la marca de la hegemonía.<sup>11</sup> Esto también se expresa en la estructuración de la sociedad civil mundial, en la que es importante desmantelar prejuicios estructurales y elementos de discriminación con razón a género, etnia, clase o orientación sexual. Quiero terminar estas reflexiones con una cita que podría indicar uno de los caminos más a mano en el avance hacia una cultura de la paz y la justicia social. Hay evidencia empírica de que cuando los hombres se desarrollan y mantienen relaciones cercanas con los niños y las niñas, manifestaciones hipermasculinas, posturas competitivas y enclaves masculinos son menos frecuentes.<sup>12</sup> Podemos por tanto, otra vez, comenzar por casa.



No marco de um mundo inter-relacionado, no qual as pessoas se liberam, em seu cotidiano, de diferentes papéis a partir de identidades múltiplas e/ou fragmentadas, impedir a evolução dessas formas de dominação, desconstruí-las ajudará a questioná-las e idealmente miná-las até eliminar outras violências, como a violência étnica. Da mesma forma, Conell aprofundou-se na necessidade de questionar, nesse processo, os níveis mais elevados do mundo empresarial, militar e governamental, quando exercem um desmembramento corporativo bastante convincente de masculinidade, embora pouco questionado pelas feministas ou homens dissidentes. Seu recurso bem-sucedido à autoridade, mais do que à violência direta, é a marca da hegemonia.<sup>11</sup> Isso também se expressa na estruturação da sociedade civil mundial, na qual é importante desmantelar preconceitos estruturais e elementos de discriminação em relação a gênero, etnia, classe ou orientação sexual. Quero concluir essas reflexões com uma citação que poderia indicar um dos caminhos mais disponíveis no avanço rumo a uma cultura de paz e de justiça social. Existe evidência empírica de que, quando os homens se desenvolvem e mantêm relações próximas com os meninos e as meninas, manifestações hipermasculinas, posturas competitivas e enclaves masculinos são menos frequentes.<sup>12</sup> Portanto, mais uma vez, o começo está em casa.

11 La organización social de la masculinidad, Isis International 1997, Ediciones de las mujeres n 24, R.W. Connell <http://www.carriari.ucr.ac.cr/~csandova/>

12 «Construcción de identidades entre costarricenses y nicaragüenses en los noventa», Carlos Sandoval García, <http://www.carriari.ucr.ac.cr/~csandova/>

Atualmente, não podemos falar da situação dos migrantes sem falar de um dos mais cruéis aspectos do crime organizado mundial - o tráfico humano. A magnitude desse comércio, de acordo com dados da Organização Internacional de Migrações, oscila mundialmente entre cinco e doze milhões de dólares.

### Tráfico humano

Cecilia Lipszyc\*  
Tradução para o português de Wilma Monteiro

# mulheres

Xenofobia  
contra as

Tráfico de  
personas  
En nuestros días no  
podemos hablar de la  
situación de los  
migrantes sin hablar de  
uno de los mas crueles  
aspectos del crimen  
organizado a nivel  
mundial cual es el tráfico  
de personas. La magnitud  
de este comercio - según  
datos de la Organización  
Internacional de  
Migraciones oscila entre  
cinco y doce millones de  
dólares a nivel mundial.

Cecilia Lipszyc\*

mulheres  
as

# Xenofobia

Atualmente, a xenofobia na América Latina baseia-se na rejeição e na exploração da mão-de-obra dos migrantes, somando à condição de estrangeiros a condição de sexo, raça, etnia e classe social. Os crescentes fluxos migratórios obedecem, em grande maioria, às consequências sociais do novo padrão de acumulação do capitalismo - mo, que exclui enormes e crescentes massas de população. Assim como o capitalismo ori- ginar da Europa excluiu e forçou a emigra- ção de milhões de pessoas durante o século XIX e início do século XX, o novo desenvolvi- mento do capitalismo também exclui e expul- sa milhões de pessoas. A diferença é que nos séculos anteriores havia território planetário para ocupar, no século atual já não há; esse fator recrudescer situações de racismo, xeno- fobia e discriminação.

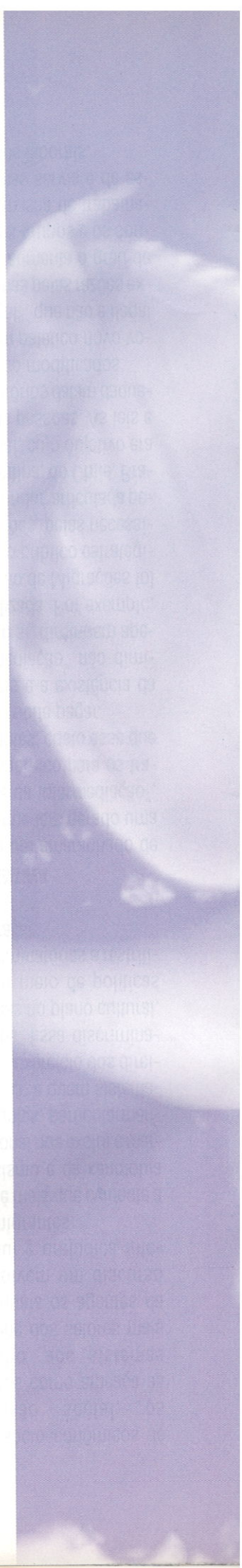
**VIOLÊNCIA QUE EXCLUÍ**

O tráfico de pessoas é um quadro dramático, que conjuga pobreza, imigração ilegal, escra- vidão de meninas e meninos e rapto de mu- lheres para exploração sexual. Na América Latina, não há dados disponíveis sobre esse tráfico. Organizações de Direitos Humanos estimam que, só em 1997, 175 mil mulheres foram traficadas dos países do Leste Europeu. A venda de mulheres e meninas para a explo- ração sexual converteu-se em um dos crimes de maior crescimento na economia global. O procedimento é sempre o mesmo: as mu- lheres são enganadas com a promessa de tra- balho legal; quando chegam ao país de desti- no, os traficantes tomam seus documentos, obrigando-as a viver confinadas e submeti- das a estúpos, castigos e consumo abusivo de drogas. Por exemplo, há três anos, cinco mil dominicanas ingressaram na Argentina. Logo que chegaram, foram convertidas em mulhe- res *indocumentadas*, porque os traficantes tomaram seus documentos e as obrigaram a se prostituir. Supõe-se que há duas mil me- nores paraguaias na mesma condição. O trá- fico e a violação dos direitos de grupos asiá- ticos e eslavos também estão aumentando.

Los crecientes flujos migratorios obedecen en una inmensa mayoría a las consecuencias sociales del nuevo patrón de acumulación del capitalismo que excluye a enormes y crecientes masas de población. Así como el capitalismo originario en Europa excluyó y forzó a la emigración a millones de personas durante los siglos XIX y principios del XX, el nuevo desarrollo del mismo excluye y expulsa a millones de personas, la diferencia es que en los otros siglos había territorio planetario para ocupar y en el siglo actual ya no lo hay; lo cual recrudescer situaciones de racismo, xenofobia y discriminación.

**VIOLÊNCIA QUE EXCLUYE**

El tráfico humano es un cuadro dramático que conjuga pobreza, inmigración ilegal, esclavitud de niños/as, y el rapto de mujeres para la explotación sexual. No contamos con datos sobre este tráfico en América Latina. Organizaciones de Derechos Humanos estiman que sólo en 1997, 175 mil mujeres fueron traficadas desde los países de Este. La venta de mujeres y niñas para la explotación sexual se ha convertido en un de los crímenes de mayor crecimiento en la economía glo- bal. El patrón es siempre el mismo: las mujeres son engañadas con la promesa de un trabajo legal, en el lugar de destino les son arrebatados sus documentos y son confinadas para vivir bajo las reglas de la violación, castigos y abuso de drogas. Por ejemplo, en Argentina, hace tres años ingresaron como "inmigrantes" cinco mil dominicanas, que una vez arribadas al país se convirtieron en *indocumentadas* ya que los traficantes les privan de su documento y son obligadas a ejercer la prostitución. Se supone que en esa misma condición hay dos mil menores paraguayas. También se está incrementando el tráfico y abuso de grupos asiáticos y eslavos.



Com os sistemas socioeconômicos de crescente exclusão social, os migrantes são vistos como ameaça às fontes de trabalho, aos sistemas educativo e de saúde dos setores mais pobres, sobre os quais os agentes da xenofobia desenvolvem um discurso violento, que exclui e prejudica integralmente as/os migrantes. Na América Latina, é mais que evidente a persistência do racismo e da xenofobia estrutural e institucional que exclui e marginaliza as/os migrantes, particularmente mulheres e crianças, a quem sistematicamente é negado o exercício dos direitos humanos básicos. Essa discriminação ocorre não apenas no plano cultural, mas igualmente por meio de políticas públicas e leis discriminatórias e restritivas relativas à imigração.

### XENOFOBIA NA ARGENTINA

Na Argentina, existe um emaranhado de normas migratórias que tem gerado uma verdadeira "indústria da intermediação", de grande custo econômico para os trabalhadores/as migrantes; custo esse que a grande maioria não pode pagar. O emaranhado de leis e a existência da "indústria da intermediação" não diminuem a imigração em si, diminuem apenas a migração legalizada. Por exemplo, na Argentina, a Direção de Migrações foi considerada um órgão público estratégico, entre outras questões, pelas necessidades da Operação Condor, articulada pelas ditaduras da Argentina, do Chile, Brasil, Uruguai e Paraguai, cujo objetivo era o desaparecimento de pessoas. As leis e os mecanismos migratórios datam daquela época e foram pouco modificados. Hoje, assistimos a um patético novo vocabulário "migrante ilegal", que não é ilegal por vontade própria, mas pelas razões expostas. A ilegalidade aumenta o grau de vulnerabilidade desses grupos e os condena a integrar uma massa de trabalhadores vítimas de formas servis e de escravização nas condições laborais.

Con los sistemas socioeconómicos de creciente exclusión social los migrantes son visualizados como una amenaza para las fuentes de trabajo, el sistema educativo y de salud de los sectores mas pobres, sobre lo cual la xenofobia desarrolla un discurso violento que excluye y daña a los/as migrantes en forma integral. En América Latina es mas que evidente la persistencia del racismo y xenofobia estructural e institucional que sistemáticamente excluye y margina a las/os migrantes en particular mujeres, niños y niñas a quienes sistemáticamente se les niega el ejercicio de los derechos humanos básicos. Esta discriminación se realiza no sólo en el plano cultural sino a través de políticas públicas y leyes discriminatórias y restrictivas respecto de la inmigración.

### XENOFOBIA EN LA ARGENTINA

En la Argentina existe una maraña de normas migratorias que han generado una verdadera "industria de la gestoría" de gran costo económico para los trabajadores/as migrantes, que en la mayoría de los casos es imposible de afrontar por los mismos. La maraña de leyes y la existencia de la "industria de la gestoría" no disminuye la inmigración en sí, sino que disminuye la migración legalizada. Por ejemplo, en Argentina, Migraciones fue un Dirección considerada estratégica, entre otras cuestiones por las necesidades del Plan Condor instrumentado por las dictaduras de Argentina, Chile, Brasil, Uruguay y Paraguay para la implementación conjunta de esos países para la desaparición forzada de personas. Las leyes y mecanismos migratorios datan de esa época y poco se ha modificado. Hoy asistimos a un patético nuevo vocabulario "migrante ilegal", que no lo es por propia voluntad sino por las razones expuestas, lo que aumenta el grado de vulnerabilidad de estos grupos y los condena a integrar una masa laboral expuesta - a menudo de hecho - a ser víctimas de formas serviles y de esclavitud en las condiciones laborales.



No interior dos grupos de migrantes, as mulheres sofrem uma múltipla discriminação, que agrava suas condições de vida. As novas migrações são diferentes daquelas dos séculos anteriores e apresentam a característica da feminização. As mulheres são crescente maioria dentro dos grupos de migrantes.

Essa nova modalidade de migração é caracterizada pela mobilidade de mulheres sozinhas ou acompanhadas pelos filhos, quando são elas que ocupam o papel de chefe de família ou chefe do lar. Isso implica em um novo indicador, que revela o papel ativo assumido pelas mulheres na busca de recursos econômicos para a subsistência familiar ou para melhorar a qualidade de vida. Elas compõem uma faixa da população estimada entre 20% e 40% das "mulheres chefes de família" na América Latina (População, Equidade e Transformação Produtiva – Nações Unidas). O exemplo mais significativo desse tipo de migração de mulheres que ingressaram sozinhas na Argentina é o das peruanas, embora o mesmo fenômeno ocorra com uma quantidade considerável de mulheres bolivianas e paraguais.

De acordo com uma pesquisa realizada pela OIM (Organização Intergovernamental para as Migrações), com base em um censo realizado pelo Consulado Peruano e algumas ONGs, mais de 52% da imigração peruana é composta por mulheres em idade ativa e, em sua maioria, com formação de nível secundário ou superior. Entretanto, mais de 74% dessas mulheres trabalham em serviços domésticos, o que as deixa muito infelizes, já que são muito bem informadas, com antecedentes trabalhistas e profissionais superiores às atividades que desempenham na Argentina. Elas participam e são responsáveis pela vida escolar de seus filhos, pela vida comunitária e pelos programas de saúde materno-infantil, sem qualquer ajuda masculina.

Na cidade e na província de Buenos Aires, existem mecanismos legais para que as crianças *indocumentadas* possam ingressar no sistema educativo, porém, num evidente mecanismo discriminatório, frequentemente

Al interior de los migrantes las mujeres sufren una múltiple discriminación, que agrava sus condiciones de vida. Las nuevas migraciones que son diferentes a los siglos anteriores, presentan la característica de la feminización. Las mujeres son una creciente mayoría dentro de los migrantes.

Esta nueva modalidad de migración, caracterizada por la movilidad de mujeres solas o acompañadas de su familia, cuando es ella la que ocupa el rol de jefa de familia o jefa del hogar. Esto implica un nuevo indicador que nos revela el rol activo que asumen las mujeres en la búsqueda de recursos económicos para la subsistencia familiar o para el mejoramiento de la calidad de vida. Ellas conforman la franja estimada entre el 20% y el 40% de "mujeres jefas de hogar" de América Latina (Población, Equidad y Transformación Productiva – Naciones Unidas).

El ejemplo más significativo de este tipo de migración de mujeres que han ingresado solas a la Argentina es el de las peruanas, aunque también se produce el mismo fenómeno en una considerable cantidad de mujeres bolivianas y paraguayas.

Según una investigación realizada por la O.I.M. (Organización Intergubernamental para las Migraciones), en base a un censo realizado por el Consulado Peruano y algunas ONGs, dentro de la inmigración peruana, más del 52% son mujeres en edades activas, y en su mayoría con capacitación de nivel secundario o superior. Sin embargo, más del 74% de estas mujeres trabajan en servicio doméstico, lo cual las hace sentir muy afectadas, por tratarse, en su mayoría, de mujeres educadas y con antecedentes laborales y profesionales de un nivel superior al que desarrollan en Argentina. Ellas participan y son responsables, en su mayoría sin ayuda masculina, de la vida escolar de sus hijos, de la vida comunitaria y de los programas de salud materno-infantil.

En la Ciudad y Provincia de Buenos Aires existen mecanismos legales para que los niños/as indocumentados puedan entrar y egresar en el sistema educativo, pero es muy habitual que las directoras de escuela no les permitan la inscripción, en un claro mecanismo discriminatorio. En otros establecimientos se ha constatado que los gabinetes psico-pedagógicos los derivan a escuelas diferentes, simplemente por que responden a los otros patrones culturales, lo cual recarga a las madres migrantes.



as diretoras das escolas não permitem a ins-  
crição dessas crianças. Em outros estabele-  
cimentos de ensino, já foi constatado que os  
centros psico-pedagógicos encaminham es-  
sas crianças para escolas especiais, simples-  
mente porque respondem a outros padrões  
culturais, sobrecarregando ainda mais as  
mães migrantes.

### JOGO DURO

Os requisitos para a residência permanente  
no país criam múltiplas dificuldades, especi-  
almente para essa corrente migratória. Isso  
obriga essas mulheres a serem inseridas em  
tarefas que não exigem documentação, nas  
quais são muito mal remuneradas. As peru-  
anas aceitam salários mais baixos que as ar-  
gentinas, paraguaitas e bolivianas.  
A inserção das mulheres migrantes no mer-  
cado de trabalho é orientada, principalmen-  
te, para o serviço doméstico e, em menor  
escala, para as vendas ambulantes ou para a  
indústria da confecção têxtil.

Sistematicamente, em Buenos Aires, as au-  
toridades da migração invadem estabelec-  
mentos onde "são encontradas" mulheres  
bolivianas realizando trabalho têxtil em con-  
dições de escravidão. Elas também trabalham  
em restaurantes ou, como mão-de-obra mais  
humilde, nas instituições de saúde.  
As condições descritas acima são as que ex-  
põem as mulheres migrantes a maior  
marginalização, submetendo-as a uma dis-  
criminação mais aguda devido a seu sexo,  
seu lugar de origem e sua classe social. Para  
elas, a subordinação é percebida como algo  
natural e inevitável, tornando ainda mais dra-  
mática sua situação de migrante. A vida des-  
sas mulheres ocorre num espaço de exclu-  
são, desagregação e solidão.



**Cecilia Lipszyc é socióloga,  
especialista em estudos da Mulher,  
Coordenadora Nacional do Instituto  
Nacional contra a Discriminação -  
INADI, Vice-presidente da Associação  
de Especialistas Universitários em  
Estudos da Mulher (ADEUM), Buenos  
Aires, Argentina.**

### JUEGO DURO

El requisito de radicación ofrece múltiples dificultades  
a esta corriente migratoria, especialmente. Este hecho  
obliga el que estas mujeres se inserten en tareas en las  
que no se les exige documentación, pero que son muy  
mal remuneradas. Las peruanas aceptan salarios más  
bajos que las argentinas o paraguayas o bolivianas.  
La inserción laboral de las mujeres migrantes se orien-  
ta principalmente al servicio doméstico, y en menor  
escala, a las ventas ambulantes o a la industria de la  
confección textil.  
Sistematicamente en la Ciudad de Buenos Aires, se  
allanan establecimientos donde se "encuentran" bol-  
vianas en el trabajo textil en condiciones de esclavitud.  
También trabajan como personal en restaurantes o  
en los trabajos más bajos de las instituciones de salud.  
Las condiciones descritas son las que exponen a las  
mujeres migrantes a una mayor marginalización,  
ocasionándoles una discriminación mayor, en razón  
de su sexo, de su lugar de origen y de su clase social.  
Para ellas, la subordinación es tomada como algo  
natural e inevitable, tornando aún más dramática su  
situación como consecuencia de la migración. Su vida  
se desarrolla en un espacio de exclusión, desarraigo y  
soledad.



**\* Cecilia Lipszyc es socióloga, especialista  
en estudios de la Mujer, Coordinadora  
Nacional de Instituto Nacional contra la  
Discriminación, INADI, Vicepresidenta de  
la Asociación de Especialistas  
Universitarias en Estudios de la Mujer  
(ADEUM).**

# é dia de índia

Todo dia

Em 17 e 18 de abril de 2001, reuniram-se em Rio Branco (AC) trinta e cinco mulheres líderes indígenas, representantes dos seguintes povos: Apalai, Apurinã, Bakairi, Gaviao, Guajajará, Iauanawá, Jamamadi, Jaminawa, Juruna, Kaikuna, Kaingang, Kamadene, Karipuna, Karitiana, Kassupá, Katupina, Kaxinawá, Krikaty, Kulina, Macuxi, Manchineri, Marubu, Nawa, Nukini, Oro Naó, Pareci, Patachó, Poyanawá, Sateré Mawé, Shadawá, Shanênawa, Shawáadawa, Surui, Tapuia, Tiryó, Tukano e Xipala.

O I Encontro de Mulheres Líderanças Indígenas da Amazônia foi promovido pelo Grupo de Mulheres Indígenas da UNI/Acre e Sul do Amazonas e pelo Movimento Articulado de Mulheres da Amazônia - MAMA.

As líderes indígenas elaboraram, a partir de exposições, trabalhos em grupos e debates, o documento a seguir, que contém reivindicações e propostas concernentes à Autonomia e Representação Política, Saúde, Educação, Combate à Violência para as comunidades indígenas da Amazônia Legal Brasileira.



- O QUE TIPOS DE DISCRIMINAÇÃO VOCÊS SOFREM DENTRO DA ALDEIA E FORA DA ALDEIA?
- O QUE VOCÊS ACHAM QUE DEVE SER FEITO PARA COMBATER ESSA DISCRIMINAÇÃO?

## OS GRUPOS DE TRABALHO FORAM ORIENTADOS PELAS SEGUINTES PERGUNTAS:

### AUTONOMIA E

### REPRESENTAÇÃO POLITICA

#### Tipos de discriminação:

- ▶ Legislação ultrapassada, que nos considera incapazes
- ▶ Desrespeito ao patrimônio cultural e à diversidade
- ▶ Falta de elaboração, implementação e execução de políticas públicas que garantam a formação e a qualificação da/dos profissionais indígenas
- ▶ Não reconhecimento da identidade cultural da/do índia/o que mora fora da aldeia
- ▶ Elaboração e execução de projetos sem o prévio conhecimento e participação da comunidade
- ▶ Falta de acesso de índias/os qualificadas/os aos órgãos do governo que trabalham com a questão indígena
- ▶ Falta de condições e recursos para a proteção das terras indígenas
- ▶ Não cumprimento da Constituição Federal de 1988, que garante a demarcação das terras indígenas em cinco anos
- ▶ Diminuição/redução de terras indígenas
- ▶ Conceito equivocado (folclórico) do que é ser índia/o (que não pode incorporar novos conhecimentos)

Política assistencialista, paternalista, integracionista e de exclusão, que causou a dependência econômica e política dos povos indígenas

### AUTONOMIA DOS POVOS INDÍGENAS

#### Reivindicações:

- ▶ Que o Estado brasileiro nos reconheça como povos indígenas
- ▶ Imediata aprovação do Estatuto dos Povos Indígenas
- ▶ Mudança na legislação para que seja reconhecida nossa capacidade plena
- ▶ Autogestão dos territórios
- ▶ Reconhecer, respeitar e proteger os direitos intelectuais, os conhecimentos tradicionais e a diversidade biológica (patrimônio genético)
- ▶ Direito e acesso à qualificação e formação de profissionais indígenas voltadas à realidade de suas comunidades
- ▶ Reconhecimento e respeito à identidade indígena daquelas/es
- ▶ Desenvolvimento econômico, com a exploração racional dos recursos naturais, com projetos amplamente discutidos e elaborados com a comunidade, que garantam a etno sustentabilidade.
- ▶ Reconhecimento e organização das nações indígenas
- ▶ Acesso aos quadros dos órgãos do governo que tratam da questão indígena
- ▶ Demarcação, extrusão, proteção e fiscalização das terras indígenas
- ▶ Incorporação de tecnologias, saudáveis do ponto de vista ambiental, que visem ao etno desenvolvimento e à melhoria da qualidade de vida
- ▶ Reformulação da política indígena oficial e urgente
- ▶ Reestruturação do órgão indigenista (FUNAI)



► Não instalação de bases militares, mineradoras e hidroelétricas em terras indígenas

► Política de prevenção e combate ao alcoolismo

► Aprovação imediata da lei de biodiversidade, proposta pela senadora Marina Silva

► Ratificação da Convenção 169 Não aprovação da emenda constitucional que diz que o

patrimônio genético dos povos indígenas pertence à União

► Combater a veiculação de imagens preconceituosas das/os indígenas nos meios de comunicação

► Que exista o respeito à cultura dos povos indígenas, combatendo atos violentos dentro da própria aldeia

## SAÚDE

### Qual saúde queremos?

► Utilização da medicina tradicional com o resgate das ervas, raízes e suas finalidades

► Formação de mais mulheres agentes de saúde, técnicas/os em enfermagem etc.

► Instalação de Pontos Socorros para o trabalho/atendimento pelas/os agentes de saúde

► Reconhecimento das/os agentes de saúde pelo Ministério da Saúde

## VIOLÊNCIA

### Passado e Presente

► A violência do passado que massacrava os povos indígenas

► A violência atual, que é humilhadora, na falta de direitos à terra, saúde, educação e outros

► A violência em relação ao direito à floresta, à fauna e ao restante dos nossos conhecimentos

► A violência da discriminação que sofremos quando vivemos

► A violência da discriminação que sofremos quando vivemos

► A violência da discriminação que sofremos quando vivemos

► A violência da discriminação que sofremos quando vivemos

► A violência da discriminação que sofremos quando vivemos

► A violência da discriminação que sofremos quando vivemos

► A violência da discriminação que sofremos quando vivemos

► A violência da discriminação que sofremos quando vivemos

► A violência da discriminação que sofremos quando vivemos

► A violência da discriminação que sofremos quando vivemos

► A violência da discriminação que sofremos quando vivemos

► A violência da discriminação que sofremos quando vivemos

► A violência da discriminação que sofremos quando vivemos

► A violência da discriminação que sofremos quando vivemos

► A violência da discriminação que sofremos quando vivemos

► A violência da discriminação que sofremos quando vivemos

► A violência da discriminação que sofremos quando vivemos

► A violência da discriminação que sofremos quando vivemos

► A violência da discriminação que sofremos quando vivemos

► A violência da discriminação que sofremos quando vivemos

► A violência da discriminação que sofremos quando vivemos

► A violência da discriminação que sofremos quando vivemos

### Que escola queremos?

## EDUCAÇÃO

► Uma escola que atenda aos interesses da comunidade indígena

► Uma proposta curricular, pedagógica e política elaborada e pensada conforme os valores da cultura indígena

► Que seja cumprida a legislação que assegura a formação em serviço e continuada da professora/professor, priorizando seu conhecimento da educação indígena

► Que os programas de formação contemplem o saber indígena, respeitando o nível de entendimento cognitivo de cada professora/professor, e sejam elaborados conjuntamente com a comunidade

► Que a língua materna seja predominante na escola

► Que os governos assegurem, nas políticas públicas, ações que contemplem a legislação, sem intervalo de governo

► Disponibilizar uma formação política crítica e consciente dos seus direitos para nortear as áreas de conhecimento dos cursos de formação

► A união dos povos sempre lutando pelos seus direitos

► A punição de fato aos agressores das/os índias/os, que a justiça seja imparcial

► Combate à exploração sexual das meninas indígenas

► Combate à exploração sexual das meninas indígenas

► Combate à exploração sexual das meninas indígenas

► Combate à exploração sexual das meninas indígenas

► Combate à exploração sexual das meninas indígenas

► Combate à exploração sexual das meninas indígenas

► Combate à exploração sexual das meninas indígenas

► Combate à exploração sexual das meninas indígenas

► Combate à exploração sexual das meninas indígenas

► Combate à exploração sexual das meninas indígenas

► Combate à exploração sexual das meninas indígenas

► Combate à exploração sexual das meninas indígenas

► Combate à exploração sexual das meninas indígenas

► Combate à exploração sexual das meninas indígenas

► Combate à exploração sexual das meninas indígenas

► Combate à exploração sexual das meninas indígenas



- ▶ Trabalho de conscientização sobre a importância de se fazer o pré-natal e acompanhamento climatérico
- ▶ Garantia dos exames preventivos de câncer de mama e colo uterino e também da próstata
- ▶ Reconhecimento e valorização das parteras tradicionais indígenas dando condições para a realização do trabalho através da distribuição de equipamentos necessários/kit da partera para a execução de sua atividade com segurança
- ▶ Treinamento e aperfeiçoamento das parteras tradicionais da floresta
- ▶ Participação das parteras tradicionais indígenas em todos os eventos relacionados à saúde
- ▶ Trabalho de prevenção das DSTs/Aids
- ▶ Que as/os agentes de saúde não acumulem a função de professora/or
- ▶ Trabalhar horas medicinais nas comunidades indígenas para abastecer os postos de saúde
- ▶ Capacitação em saneamento básico debatido com cada povo
- ▶ Conscientizar a população indígena de que esta sendo explorada pela indústria farmacêutica e, se houver abuso comercial, entrar com ação punitiva contra a pesquisa

- ▶ Que nos hospitais da rede pública os povos indígenas tenham tratamento diferenciado
- ▶ Assegurar acompanhante bilingue à pessoa indígena que dê entrada em hospital público
- ▶ Capacitar enfermeiras(os) e médicas(os) do sistema de saúde para o atendimento aos povos indígenas
- ▶ Valorização dos especialistas tradicionais indígenas para atuação conjunta com a equipe que trata da saúde
- ▶ Reconhecimento da/o profissional indígena na valorização da sua formação, da sua escolaridade e técnica
- ▶ Atuação conjunta das/os professoras/es e agentes de saúde em atividade educativa no campo da prevenção das doenças, incluindo as DSTs e Aids
- ▶ Garantia da imunização/vacinação



- ▶ Participação político-partidária dos povos indígenas
- ▶ Parlamento indígena
- ▶ Internacionalização da Amazônia

### APROFUNDADAS: QUESTÕES A SEREM

- ▶ Formas de combate ao alcoolismo, que tem gerado muita violência (palestras e atendimentos individuais)
- ▶ Trabalho em conjunto de professoras/es com caciques/líderes
- ▶ Fazer diagnósticos para identificar as causas de alcoolismo e uso de drogas nas aldeias
- ▶ O alcoolismo é uma doença e precisa ser tratado como doença, promover também trabalho preventivo
- ▶ Tratamento odontológico, preventivo e curativo
- ▶ Esclarecimentos para as/os jovens sobre sexualidade e reprodução, envolvendo a comunidade
- ▶ Professoras/es, mães, avós, parteras —, respeitando a cultura de cada povo



БВАИВ СПИЦО

# Pavão curto

*O importante cargo de relatora geral da III Conferência contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e as Formas Conexas de Intolerância coube a uma brasileira. Melhor ainda, a uma brasileira negra.*

*Edna Roland, psicóloga, militante há vinte anos pelos interesses das mulheres negras e presidente da Fala Preta! - organização criada por ela e por outras companheiras - conversou, depois da Conferência, com a Maria, Maria.*

*Na conversa, da qual publicamos os principais momentos, Edna falou do melhor e do pior da Conferência e da urgência de governo e sociedade civil empreenderem ações afirmativas para promover a igualdade entre negros e brancos em nosso país.*



**MM - O que é uma relatora?**  
 Edna - A relatoria geral tem uma dimensão simbólica e outra técnica. Do ponto de vista simbólico, foi a demonstração da importância do Brasil dentro da Conferência, pois a relatoria é um cargo cobigado e único. Quanto ao lado técnico, a relatoria tem como tarefa garantir a fidedignidade dos documentos que foram aprovados em Durban, ou seja, a Declaração e o Programa de Ação.

**MM** - Tanto a presidência quanto a relatoria da Conferência foram ocupadas por mulheres. Trata-se de uma coincidência?  
**Edna** - Coincidência nenhuma, trata-se do crescimento político das mulheres no âmbito internacional. Não seria possível ter a Mary Robinson no Alto Comissariado para os Direitos Humanos das Nações Unidas se não tivesse havido um crescimento fenomenal da participação política das mulheres na década de 1990. A Guilarmine Zuma fez por merecer a presidência, ela é Ministra das Relações Exteriores da África do Sul e também foi a grande ministra do governo Mandela. Aliás, a Constituição da África do Sul é uma das mais progressistas do mundo, sob o ponto de vista da questão de gênero e da orientação sexual. Boa parte do crédito desse avanço cabe à decisiva participação que as sul-africanas tiveram na luta contra o apartheid. Da mesma forma, eu considero que o fato de o Brasil ter a relatoria geral deve-se à expressividade da luta das mulheres negras brasileiras.

**MM** - Na cobertura da Conferência, a mídia brasileira destacou a tensão entre os palestinos e os israelenses junto com os seus amigos norte-americanos. Como você enxergou esse mal-estar?  
**Edna** - Nós quase perdemos a Conferência em função do conflito entre Israel e Palestina. A meu ver, essa questão ocupou um espaço excessivo no interior da Conferência. Do ponto de vista dos interesses de todos os outros povos discriminados no mundo, foi injusto que a temática Palestina/Israel tenha ocupado tamanho espaço. Claro que compreendemos a gravidade do conflito no Oriente Médio, estão aí o 11 de setembro e o ataque ao Afeganistão reiterando isso. No entanto, o conflito do Oriente Médio não tem origem apenas em questões raciais, étnicas ou xenofóbicas - que eram o tema da Conferência. A origem desse conflito também está nos interesses econômicos, na posse do petróleo etc. São bem mais esses fatores que impedem a paz na região e a autodeterminação dos palestinos.



**MM - A luta anti-racista avançou na Conferência de Durban?**

**Edna -** Bastante. Conseguimos um texto consensual especificamente tratando da questão da escravidão, do tráfico de escravos e acerca da necessidade das reparações. Mesmo que o texto final tenha ficado aquém da proposta defendida pelos países africanos, foi um grande avanço. Também conseguimos aprovar um texto que reconhece que a escravidão e o tráfico de escravos são crimes contra a humanidade. Isso é importantíssimo!

**MM - As mulheres negras têm o**

*que comemorar?*

**Edna -** A Declaração de Durban tem cerca de 120 parágrafos, o Programa de Ação, em torno de 220 parágrafos e apesar das

dificuldades que enfrentamos em relação à temática de gênero, e aí o embate foi principalmente com os países de formação islâmica, há avanços importantíssimos em

relação às mulheres. Por exemplo, o de que os efeitos do racismo incidem de forma diferente sobre

homens e mulheres. É o que chamamos de discriminação agravada, ou seja, as mulheres

sófrem a combinação de racismo com discriminação de gênero. Essa combinação produz

realidades como a que vimos acontecer em Kosovo - o estupro sendo usado como uma arma de guerra. Na discussão do tráfico de

mulheres e as meninas são as maiores vítimas. Tudo isso está nos documentos de Durban. Em diversos parágrafos, é recomendado que os programas de combate ao racismo, à discriminação e ao tráfico humano devem conter uma perspectiva de gênero.

**MM - Muitas pessoas desconfiam**

*da eficácia de conferências.*

*Alegam que a produção e*

*assinatura de documentos não*

*levam a uma mudança concreta de*

*comportamentos...*

**Edna -** Os documentos são

eficazes quando inspiram a criação de políticas públicas e de serviços. Por exemplo, as pessoas precisam tomar conhecimento dos seus

direitos. As câmaras municipais, as assembleias legislativas, os

vereadores devem conhecer os documentos e se comprometer em

efetivá-los. Não podemos esquecer que todo documento tem uma longa história por trás e uma

ferrenha luta para ser concretizado. Durban é um ponto de partida.

**MM - Os documentos trazem recomendações práticas?**  
**Edna -** Há recomendações, por exemplo, para que as empresas, privadas e públicas, promovam ambientes de trabalho livres de discriminação, pois a discriminação acontece no dia-a-dia, no cotidiano. Nesse sentido, é louvável a iniciativa do Ministério do Desenvolvimento Agrário, que propõe a adoção de cotas de 20% de negros nos seus quadros, ou seja, o Ministério estará assumindo um programa de promoção de igualdade. Espero que o exemplo seja seguido por outras instituições.

**MM - Você é a favor das cotas nas universidades?**  
**Edna -** Completamente. É

**MM - Qual a sua opinião sobre o sistema de cotas?**  
**Edna -** Não há democracia sem igualdade étnica e racial. O Brasil precisa ter vergonha do apartheid, que existe de fato no país, e efetivamente combater a discriminação racial, assumindo políticas avançadas de promoção da igualdade. Nós partimos do princípio da justiça e da legalidade da proposta de cotas. Primeiro, porque o Brasil assinou e ratificou a Convenção Internacional pela Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, que prevê programas e medidas especiais para promoção da igualdade de grupos discriminados. Ou seja, é justo que haja uma concentração de recursos para promover o desenvolvimento da população negra no Brasil. O Estado brasileiro precisa levar em conta o mapa da população negra para definir o mapa dos investimentos públicos.

inadmissível e escandaloso que as universidades públicas continuem a ser um gueto branco e elitista. É preciso que o Brasil tenha a coragem de assumir cotas nas universidades públicas, para que a juventude negra possa ter uma perspectiva de futuro. O Brasil não pode condenar a sua juventude negra à marginalidade. Não há possibilidade de paz se não houver promoção da igualdade. Se as autoridades públicas não criarem oportunidades de participação efetivas e igualitárias, podemos prever que o barril de pólvora, que existe nas periferias das cidades brasileiras, vai explodir.





por Luiza Bairos \*

não quis ver

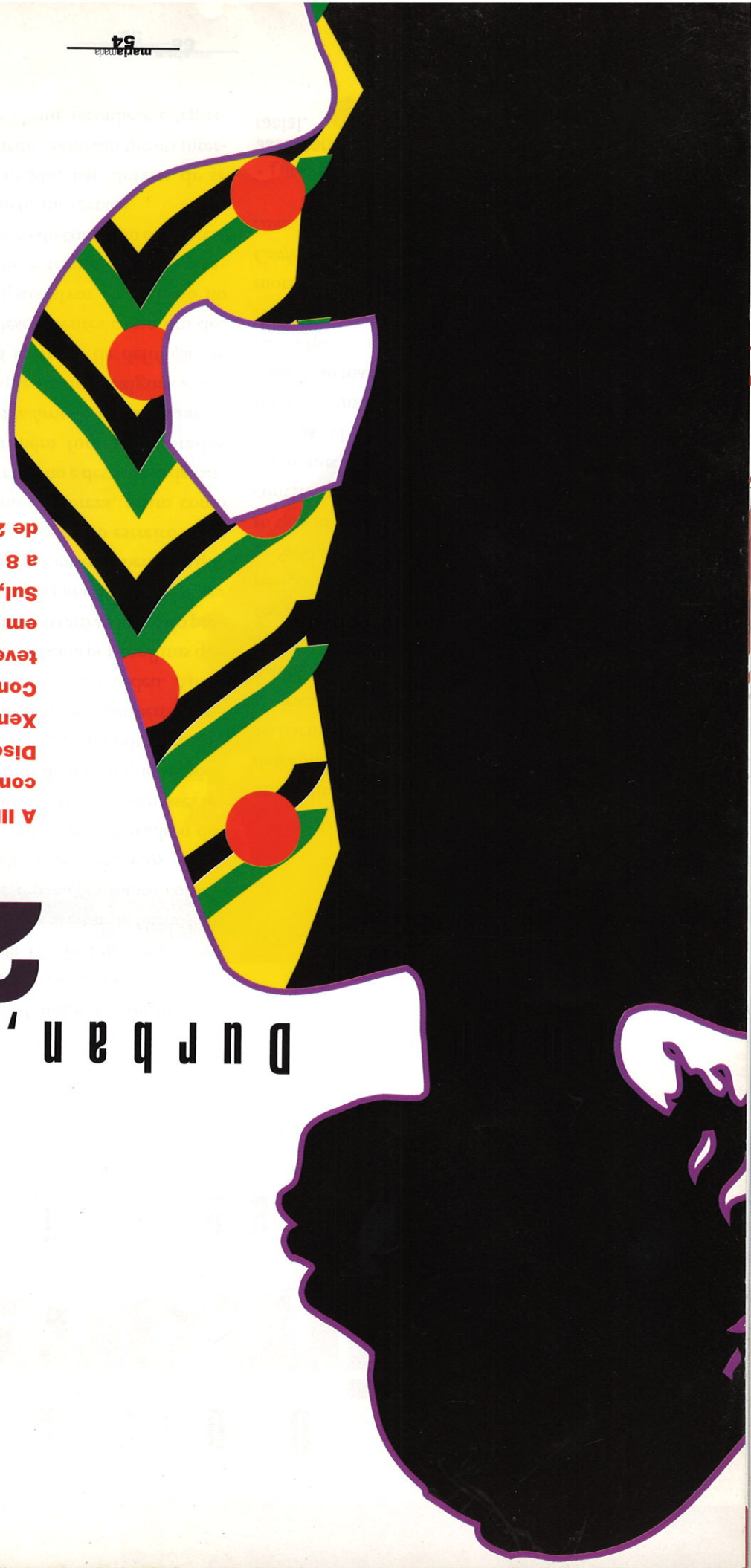
# Imprensa

o que a



OPINIÃO





**A III Conferência Mundial  
contra o Racismo, a  
Discriminação Racial, a  
Xenofobia e as Formas  
Conexas de Intolerância  
teve lugar  
em Durban, na África do  
Sul, de 31 de agosto  
a 8 de setembro  
de 2001.**

**2001**

**D u r b a n ,**



## DO PAPEL PARA A VIDA

Como resultado final, a III Conferência Mundial produziu uma

*Declaração e uma Plataforma de*

*Ação*. Esses dois documentos con-

têm recomendações para os gover-

nos e apontam para áreas de aten-

ção no combate ao racismo, à xe-

notobia e a outras intolerâncias.

Todos sabemos que a conjun-

ta internacional – principalmente a

partir dos atentados do 11 de Se-

tembro, em Nova York e Washing-

ton – encurteceu as manifestações

racistas e xenofóbicas. Ou seja, os

resultados da Conferência, que já

eram pertinentes, agora estão na

ordem do dia.

Cabe, então, a nós, cidadãs e

cidadãos, desejosos de um mundo

mais justo, cobrarmos dos gover-

nos a efetuação de medidas anti-

racistas, anti-xenofóbicas e

anti-intolerantes. E também cobrar

de nós mesmos idéias e ações

que, de fato, trabalhem pela

inclusão das pessoas nos direitos

nacionais e internacionais, inde-

pendentemente de sua cor, nacio-

nalidade, localidade, sexo, orienta-

ção sexual, crença religiosa.



O Brasil, na representação

oficial e na participação de ONGs,

teve papel de destaque nos traba-

lhos da Conferência. A começar

pela relatoria geral – função que

coube a uma brasileira negra, Edna

Roland, ativista de longa data.

A delegação brasileira contou

com 42 delegados e cinco asses-

sores técnicos. Foi chefiada pelo

Ministro da Justiça, José Gregori,

e coordenada pelo Secretário de

Estado dos Direitos Humanos,

Gilberto Sabóia.

O governo brasileiro apresen-

tou, em seu documento, questões

relativas a: políticas afirmativas;

reparação histórica; rechaço à

discriminação baseada em orienta-

ção sexual, entre outras.

O Brasil também apresentou

uma proposta que gerou uma

grande e inédita discussão nacio-

nal: a criação de cotas para estu-

dantes negros nas universidades

publicas brasileiras.

Também vale ressaltar que a

mídia realizou uma ampla cobertu-

ra da III Conferência, inclusive

com notícias nas primeiras pági-

nas e chamadas nos telejornais.

## DE SUMA IMPORTÂNCIA

Convocada pela Organização

das Nações Unidas (ONU), a III

Conferência contou com a partici-

pação de representantes de 173

países e cerca de quatro mil orga-

nizações não governamentais

(ONGs). O total de participantes

chegou a 16 mil.

Os assuntos discutidos em

Durban primam pela atualidade,

polêmica e pertinência. Racismo,

xenofobia e intolerância atingem

milhões de pessoas em todo o

mundo e sacrificam, particular-

mente, as mulheres e as crianças,

uma vez que são elas a parte mais

vulnerável no intrincado mundo da

globalização. Infelizmente, a

feminização da pobreza e o tráfico

de pessoas (que envolve principal-

mente as mulheres) seguem

campeando.

O FUNDO DE DESENVOLVIMENTO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A MULHER (UNIFEM) TEM COMO MISSÃO PROMOVER OS MEIOS QUE POSSIBILITEM AS MULHERES O ACESSO AOS PODERES ECONÔMICO, POLÍTICO E PESSOAL. NO BRASIL DESDE 1992, O UNIFEM TEM CRIADO PARCERIAS COM ORGANIZAÇÕES GOVERNAMENTAIS, NÃO GOVERNAMENTAIS E O SETOR PRIVADO, SEMPRE APOIANDO PROJETOS QUE OBJETIVAM MELHORAR A QUALIDADE DAS CONDIÇÕES DE VIDA DAS MULHERES. SÃO EXEMPLOS, ENTRE OUTROS, OS APOIOS DO UNIFEM À ALFABETIZAÇÃO JURÍDICA DE LÍDERES COMUNITÁRIAS, À ORGANIZAÇÃO DE TRABALHADORAS RURAIS, AO DESENVOLVIMENTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE EQUIDADE DE GÊNERO, AO COMBATE À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E A TODAS AS FORMAS DE DISCRIMINAÇÃO CONTRA AS MULHERES.

